



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA DALMOLIN

**O ESTÁGIO DOCÊNCIA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL: DESENVOLVIMENTO,
APRENDIZADO E EXPERIÊNCIA**

CHAPECÓ

2016

JÉSSICA DALMOLIN

**O ESTÁGIO DOCÊNCIA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL: DESENVOLVIMENTO,
APRENDIZADO E EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Everton Bandeira Martins

CHAPECÓ

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Dalmolin, Jéssica

O ESTÁGIO DOCÊNCIA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL:
DESENVOLVIMENTO, APRENDIZADO E EXPERIÊNCIA/ Jéssica
Dalmolin. -- 2016.

76 f.:il.

Orientador: Everton Bandeira Martins.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de HISTÓRIA
, Chapecó, SC, 2016.

1. Ensino Fundamental. 2. Estágio. 3. Universidade
Federal da Fronteira Sul. 4. Licenciatura em História.
I. Martins, Everton Bandeira, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JÉSSICA DALMOLIN

O ESTÁGIO DOCÊNCIA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL: DESENVOLVIMENTO,
APRENDIZADO E EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção
de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Everton Bandeira Martins

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

04 / 07 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Everton Bandeira Martins- UFFS



Prof. Me. Bruno Antonio Picoli- UFFS



Prof. Me. Robson Olivino Paim-UFFS

Este trabalho é dedicado a todos os estudantes de licenciatura em História, que sonham em seguir a carreira de professor, mesmo com todas as barreiras que os profissionais da educação enfrentam no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas amigas com quem desabafei nos momentos de indecisão e que me incentivaram a continuar, mesmo com todas as crises e choros, voz exaltada e por me entenderem mesmo nos momentos de estresse e desabafo. A todos os professores que tive contato ao longo da jornada acadêmica, e principalmente ao meu orientador Everton Bandeira Martins, por argumentar em torno de cada linha deste trabalho, que também escutou meus desabafos e me apoiou durante o seu desenvolvimento, o qual não teria se concretizado sem o seu incentivo.

Aos meus pais e familiares que conviveram com meus medos e angústias até mesmo durante as férias institucionais, e que depois de cada lágrima que derramei me davam esperança de que era possível efetuar o trabalho e concretizar meus sonhos. Agradeço a todos que estiveram presentes nesta jornada e que diziam “sim você pode” ou “você consegue”, sei que é difícil, mas com cada um de vocês as forças aumentaram para que este trabalho se concretizasse.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as contribuições do estágio de docência no Ensino Fundamental para os acadêmicos de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Para tal, busca-se abordar o seu funcionamento e documentos que identificam o desenvolvimento da atividade, com o PPC do ano de 2010, do curso de História na UFFS- Chapecó, e a experiência prática do estágio em sala de aula, com atividades e relatório. O desenvolvimento traz os apontamentos de dificuldades e demandas em sala de aula, atividade em que se entende e aprende de maneira incisiva como é a carreira docente, propiciando a sua qualificação. Como contribuições centrais, opta-se pelos aportes de Pimenta (2012), Santos (2010), Silva (2013). Somando-se, utiliza-se como arcabouço a fim de contribuir na discussão o PPC do referido curso de formação de professores, as atividades realizadas no estágio pela autora do presente trabalho e relatórios finais de estágio produzido por acadêmicos de turmas já concluintes. Assim busca-se refletir sobre a importância do estágio de docência na pesquisa, na formação e no desenvolvimento dos futuros profissionais. Constatam-se as brechas e competências da atividade e do desenvolvimento da profissão, a importância de se investir nesse componente curricular de forma mais sistemática, percebendo-se a importância de um maior envolvimento da universidade com professores, alunos e estagiário convivendo em uma prática de conhecimento sobre a abordagem de estagiários no Ensino Fundamental.

PALAVRAS CHAVE: Ensino Fundamental. Estágio. Universidade Federal da Fronteira Sul. Licenciatura em História.

ABSTRACT

This research aims to analyze the contributions of the teaching the stage in elementary school for the academic Degree in History from the Universidade Federal da Fronteira Sul, College Chapecó. To this end, it seeks to address the functioning and documents that identify the development of the activity, with the PPC 2010, the course of history at UFFS- Chapecó, and the stage of practical experience in the classroom with activities and report. The development brings the notes of difficulties and demands of classroom activity in which it is understood, and learn incisively how the teaching profession, promoting their qualification. As central contributions, the option is the pepper contributions (2012), Santos (2010), Silva (2013). Adding to use as a framework to contribute to the discussion the PPC that course of teacher training, the activities performed on stage for the present study author, and final reporting stage produced by academics already graduating class. So we seek to reflect on the importance of teaching stage, research, training and development of future professionals. Realize up the gaps and competencies of activity and development of the profession, the importance of investing in this curriculum component more systematically, realizing the importance of a greater involvement of university with teachers, students, and trainee living in a practical knowledge on the trainees approach in elementary school.

KEYWORDS: Elementary school. Stage. Universidade Federal da Fronteira Sul. Degree in History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Livro sobre colonização.....	62
Figura 2- Livro sobre colonização.....	63
Figura 3- Livro sobre colonização.....	64
Figura 4- Livro sobre colonização.....	65
Figura 5- Atividade visão do estrangeiro sobre a cultura brasileira.....	66
Figura 6- Charge sobre o Império no Brasil.....	67
Figura 7- História em quadrinhos sobre Revolução Farroupilha.....	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL :ASPECTOS DOS ESTÁGIOS.....	14
2.1 AS AULAS NO ESTÁGIO.....	18
2.2 A VIVÊNCIA DOS ENVOLVIDOS NO ESTÁGIO.....	22
2.3 O ESTAGIÁRIO E A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES.....	25
2.4 DESENVOLVENDO AULAS DE HISTÓRIA PARA O ESTÁGIO.....	28
3 O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – LICENCIATURA NA UNIVESIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL.....	34
3.1 APURANDO O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO.....	37
3.2 O ESTÁGIO DE HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL.....	41
4 A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.....	47
4.1 A INTERVENÇÃO DURANTE O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	51
4.2 AS MARCAS DEIXADAS PELO ESTÁGIO.....	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca abordar o desenvolvimento do Estágio para qualificação do estudante universitário. Optou-se pelo espaço do Estágio como reflexão sobre a realidade escolar tendo em vista que mesmo que haja atividades que levam o estudante para a escola antes deste componente curricular, como programas de iniciação à docência, o seu envolvimento com educação ocorre no Estágio. No que diz respeito ao nível de ensino, optou-se pela reflexão entorno do Ensino Fundamental experiência do estudante com a Educação Básica.

Busca-se analisar a contribuição do estágio docência, para a formação dos acadêmicos de licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó. Analisar as disposições em relação ao estágio, a partir da teoria e de como é o funcionamento deste componente nos cursos de licenciatura. Verificar as condições encontradas para a realização do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, a partir da documentação para a realização do mesmo, o PPC (Projeto Pedagógico do curso de Graduação em História – Licenciatura). Compreender aspectos da experiência em sala de aula.

Estudando o estágio como estrutura que mobiliza os conhecimentos aprendidos na universidade, além de sua organização. Tendo-se a consciência de uma falta de incentivos para o estudante de licenciatura, e de assistências durante o estágio. Na universidade, abarcando como o licenciando possui direitos e deveres, e como poderia ser melhorada a formação a partir da revisão do componente curricular de Estágio. Para além, como o estudante tem sua primeira participação na prática com a sala de aula, e como isso deveria marcar significativamente a graduação. O reconhecimento do estudante universitário para com a docência, como é a prática com apontamentos desse processo significativo para a formação, e aprendizado como estudante e como profissional.

Além disso, refletiremos acerca da busca por uma interação e abordagem da História, por parte do estagiário, que se apresente de forma interativa, com a elucidação da sociedade no presente tendo em vista as bases no passado, e que permitam aos alunos da educação básica uma reflexão profunda e sistemática. Este trabalho se defronta com uma História no presente, que pode ser apurada a partir das ideias que Santos (2009) salienta:

Serve para mostrar o envolvimento inevitável entre os acontecimentos e o historiador, mostra a dificuldade de contar algo que estamos participando, atuando

conscientemente, inclusive para mudanças de rumos da história. Por isso, fazer história no calor dos acontecimentos é um desafio e um enfrentamento que exige atenção redobrada (SANTOS, 2009, p.8).

O presente trabalho tem como foco a reflexão sobre o Estágio na formação do futuro docente. Assim, objetiva-se refletir como tal processo é abordado e trabalhado no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul do *Campus* Chapecó. Além disso, utiliza-se as atividades propostas pela pesquisadora quando ministrou aulas no Ensino Fundamental na disciplina de Estágio e abrange o seu funcionamento da disciplina de maneira geral, primando o curso de licenciatura em História na UFFS e suas atribuições a partir do PPC e da experiência da acadêmica.

A prática de estágio analisada foi realizada na Escola de Educação Básica Lourdes Ângela Sarturi Lago, localizada no bairro Bela Vista, na cidade de Chapecó. O bairro abarca moradias de classe média, em sua maioria, e o município conta com uma população de mais de 180 mil habitantes¹ e é reconhecido pela agroindústria e por ser a “capital” do Oeste de Santa Catarina.

O estágio foi realizado em duas turmas do Ensino Fundamental, a saber: a turma 82 (um oitavo ano) e a turma 72 (um sétimo ano). As aulas ocorreram no período vespertino e contaram com cerca de 25 alunos em cada turma. Os estudantes são, em sua grande maioria, oriundos do bairro onde se localiza a escola, ou dos bairros próximos da instituição escolar. O estágio de docência ocorreu do dia 14 de setembro a 23 de outubro de 2015.

Busca-se qualificar o estudo e a reflexão sobre o desenvolvimento do Estágio Supervisionado em História II realizado pela acadêmica e autora do presente trabalho durante o semestre letivo 2015.2. Além disso, é digno de nota que a turma da acadêmica é a última da primeira matriz curricular e do primeiro PPC do curso, ou seja, PPC e grade já extintos.

O que catalisou a acadêmica a produzir sobre o tema foi a identificação com a profissão docente e a oportunidade de desenvolver uma pesquisa que não se baseia somente em busca de dados ou revisão bibliográfica, mas sim na prática e na experiência da profissão docente. Ou seja, trata-se de uma forma de memorial, além da apuração e compreensão de documentos que tratam da atividade na universidade, olhando com criticidade como esses argumentam e o que se efetiva ou não a partir deles. Em menor escala, o que a teoria do ensino traz a respeito do tema, visto por quem já escreveu diante desse.

Em resumo, objetiva-se uma análise do estágio em docência no Ensino Fundamental com a experiência da estagiária, além de constatar como ele é abordado na grade do curso, a

partir do PPC de 2010, identificando-se a relação ao estágio na universidade e nas instituições de ensino superior.

Justifica-se o desenvolvimento da pesquisa por ser o estágio, uma demanda recorrente a todo estudante de licenciatura, tendo a necessidade de reflexão constante a seu respeito, já que o seu desenvolvimento traz à tona as dificuldades e demandas em sala de aula, para qualificação na formação inicial do professor. Além disso, não existe nenhum registro de trabalho de conclusão de curso que discutiu sobre o tema até o momento na UFFS. Parte-se do pressuposto de que a atividade de estágio não recebe os investimentos necessários que mereceria nas instituições de ensino superior, e por parte do governo também. Sob uma ótica mais específica, reflete o que o acadêmico na Universidade Federal da Fronteira Sul enfrenta sem saber as regras e disposições que regem essa atividade, além de discutir o estágio de uma (meu) acadêmica mobilizando vários momentos de angústia e superação, como também trazendo a identificação com a profissão.

Para colaborar com a reflexão, buscam-se subsídios nas contribuições de Rizzon (2010), Pacievitch (2006), Cerri (2006), Costa (2007), Pimenta (2012), Saviani (2009), Rossato (2011), Santos (2010), Paim (2005), autores que discutem sobre o aperfeiçoamento para a profissão docente e maneiras de valorização desta, o estágio e ao mesmo tempo a construção da pesquisa, contribuem para a prática do estagiário, naturalmente contribuindo para o seu aprendizado assim como aperfeiçoamento.

O primeiro capítulo tratará especificamente sobre o Estágio para os cursos de licenciatura, com destaque para a Licenciatura em História. Tal capítulo analisará o funcionamento do Estágio de maneira a proporcionar a qualificação do docente, destacando pontos positivos e negativos que se encontram nesta etapa da graduação.

O segundo capítulo está construído com as verificações visíveis na contribuição da universidade para com essa etapa de ensino, ou seja, reflete acerca da organização dos documentos e o que se cumpre e o que não está em ordem com a política do curso de História, além dos pontos positivos e negativos, principalmente das situações que podem ser verificadas no estágio da Universidade Federal da Fronteira Sul.

O terceiro capítulo está baseado na experiência de Estágio, com os aspectos percebidos durante a docência da acadêmica autora do presente trabalho, a partir de material produzido durante as aulas no Ensino Fundamental e do relatório de estágio. Com isso, elucida-se a observação e a rotina escolar, diante da sala de aula.

2 A FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL: ASPECTOS DOS ESTÁGIOS

A intenção do trabalho é refletir sobre as circunstâncias que se encontram durante o Estágio Docência. Neste primeiro capítulo constitui-se uma análise mais geral acerca do estágio, não particularizando uma instituição universitária ou escolar. Para tanto, enaltece pontos que resultam em frustrações e as situações favoráveis dessa atividade acadêmica, como o contato com os alunos, com os professores das escolas e com o próprio orientador de estágio.

Os desdobramentos em torno da atividade de estágio demonstram como o universitário precisa preparar-se para inserir-se profissão posteriormente, sendo que as variadas alternativas vistas no decorrer da atividade arremetem a experiência que se efetiva com a prática. Salienta-se que a reflexão em torno da atividade docente conduz a averiguação da prática como professor.

Inicialmente é importante salientar que a educação é pesquisada pelo estudante quando se desdobram os fatos em torno do seu estágio. Ou seja, a pesquisa se dá através da escrita e realização de relatórios, verificação dos meios utilizados em sala de aula, das abordagens e desdobramentos que quem vivencia a educação conhece. A experiência do estagiário se remete à pesquisa, e o seu desenvolvimento é potencializado pelo seu senso e desenvoltura.

Para se desenvolver um panorama em torno do estágio, desenvolvem-se as percepções transcorrentes em torno dele, visualizadas de formas diferentes por cada instituição e cada acadêmico que tem a oportunidade de vivenciá-lo. Os papéis são resquícios do que se aprendeu, memórias de conhecimento e aprendizado, são os relatos do processo. Nesses termos, relatar é base e o relatório é fonte.

O primeiro contato do universitário com a sala de aula é um momento de tomada de posições e defrontação para com o medo de atuar na profissão. É, muitas vezes, um contato precário, já que não se conhece direito como funciona uma escola se não se vivenciou um contato anterior com a sala de aula em programas que incentivam a docência, como o Programa de Iniciação à Docência (Pibid). O Pibid, dessa forma, demonstra-se como algo proveitoso para o acadêmico porque há um desenvolvimento diante das mais variadas situações escolares, como demonstram Rodrigues, Pinho, Almeida (2013);

O PIBID demonstra a sua importância na formação dos estudantes das licenciaturas na medida em que reduz o fosso existente entre a formação teórica e prática na área de educação, pois possibilita no início da graduação, que os alunos entrem em contato com a sala de aula, esta iniciativa tem colaborado substancialmente com a permanência de alunos nos cursos de licenciatura e de sua qualificação, no sentido

de aprimorar o desenvolvimento da pesquisa nas suas respectivas áreas de atuação (RODRIGUES, PINHO, ALMEIDA, 2013, p.5-6).

A fase de adaptação do acadêmico para se estabelecer como docente em sala de aula é um momento importante e requer uma aproximação com os alunos. Quando o universitário já teve tal contato com a escola, estando presente em um programa institucional como o Pibid, a maneira de atuar é diferente. A habilidade com a turma pode ser maior, pela proximidade que já existia em estar envolvido com uma escola e suas demandas.

O estágio abarca a todos os universitários da Licenciatura em História, sendo para alguns uma parte considerada ruim do curso. Tal concepção negativa advém do fato de não gostarem de dar aula, mas, sim de pesquisa, mesmo sabendo que essa graduação é essencialmente para a formação docente, para atuar em sala, sabe-se que age assim como professor- pesquisador, para o desenvolvimento do conhecimento e das aulas, por isso é uma licenciatura.

Nos relatórios do estágio tem-se um espaço reservado para a exposição dos métodos e práticas utilizados em sala, sendo que há uma variação conforme as posições adotadas pelo acadêmico ou acadêmica. De maneira geral, observa-se que a análise de como está sendo a atividade do estágio contempla momentos de confiança e reflexão, pois em alguns casos resulta-se no gosto e desejo pela docência e pelo ato de ministrar aulas, da mesma forma que em outros intensifica-se o desejo pela não docência.

O estágio é parte obrigatória de um curso de licenciatura e o seu desenvolvimento é uma necessidade que traz à tona as dificuldades e demandas em sala de aula. O estagiário, munido das lições que obteve na universidade tem a obrigação de cumpri-lo ao mesmo momento em que necessita continuar estudando para os outros componentes curriculares de seu curso.

A pesquisa, em consonância com a atividade do estágio, busca defrontar a noção do trabalho docente trazida pela resolução CNE/ CP2/ 2002, no artigo 12 de (2002). (...) § 2º “A prática deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor” (CNE, 2002, p.5). Dessa forma, há uma intensificação na prática a partir da segunda metade do curso quando pelo Conselho Nacional da Educação de 2002, “400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso” (CNE, 2002, p.1). Dito de outra forma, o acadêmico precisa estar envolvido com a prática desde o início da graduação e na segunda metade do período de estudos essa prática tende-se intensificar. Com conteúdo teórico explanado na universidade, o avanço e desempenho sendo assim convém ao universitário nesse momento.

O estágio concebido como parte integrante da formação profissional do futuro professor contribui nesse processo por oferecer ao licenciando um prelúdio do que encontrará quando tiver de assumir uma turma, tendo ideia de como é a atividade docente. Além disso, estimula o aprimoramento das aulas, trazendo para quem aprende e quem está ensinando a oportunidade de aproveitar este tempo de ensino. A atividade do estágio é uma conclusão para alunos e professores, o que também esclarece Andrade (2013) abrangendo a prática docente:

As discussões no meio acadêmico, acerca da vivência e experiências adquiridas na sala de aula, no decorrer dos estágios supervisionados, faz menção às principais dificuldades do ensino, que conflitam com os saberes e práticas adquiridas na academia (ANDRADE, 2013, p.87).

O estágio traz para a formação docente, o desenvolvimento do profissional da área, uma nova condição como estudante universitário, pois demonstra como pode se desenvolver a participação nas aulas de História, com socialização dos estudantes e aprendizado a partir da pesquisa, e do desenvolvimento intelectual. O estágio traz para a formação docente, o desenvolvimento do profissional da área, uma nova condição como estudante universitário. Além de acentuar a necessidade da sensibilidade de verificar-se diante dos desafios de se trabalhar em uma escola.

Situações como a que se vê a partir de Moretti (2013) podem enaltecer questões da História para o ensino, tratando da reflexão do profissional docente nos primeiros momentos deste em sala de aula.

Aprender História está intimamente relacionado a uma disciplina de leitura e escrita. Um dos maiores desafios que o ensino de História enfrenta na atualidade é a dificuldade em promover junto aos alunos um real interesse pela disciplina enquanto possibilitadora de compreensão da realidade (MORETTI, 2013, p.2).

Compreender a realidade que abrange os professores de História, bem como estabelecer estratégias para tratar da realidade dos alunos são situações corriqueiras e pertinente com a matéria, ou seja, a realidade que se constata no estágio é um desafio para o futuro professor. Outras questões - além de como lidar com o aluno - podem-se constatar com as disposições que são demandadas em Costa (2007), com estudantes que estão diante de atribuições e demandas da atividade docente.

Acredita-se que sem a reflexão sobre sua práxis, ou sobre alguma práxis, envolvendo atividades docentes e educacionais desenvolvidas em escolas de Educação básica, a formação docente fica seriamente comprometida. Portanto,

acredita-se, ainda, que o espaço propício para essa reflexão é o Estágio Supervisionado (COSTA, 2007, p. 30).

A base para a formação inicial docente baseia-se na verificação de causas e disposições recorrentes ao estágio. Desenvolver-se na sua formação como docente, é uma das causas da prática do estágio docência.

A formação de professores teve de ter um início, um ponto de partida e um motivo para se desdobrar. Saviani (2009) defende que , “a questão da formação de professores exigiu uma resposta institucional apenas no século XIX, quando após a Revolução Francesa, foi colocado o problema da instrução popular. E daí que deriva o processo de criação de Escolas Normais como instituições encarregadas de preparar professores” (SAVIANI, 2009, p.143). A preparação de professores começou a ser pensada somente no século XIX, quando se desenvolveu o olhar para a formação dos profissionais que ensinariam. A partir disso, houve uma retomada das reflexões acerca dos questionamentos de como e quando se elaborou uma responsabilidade inclusiva para a qualificação dos profissionais que podem transformar os pensamentos dos seus alunos como seres humanos.

Portanto, o objetivo da educação é tornar os alunos ativos na sociedade, observando criticamente e discutindo com conhecimento a política e o desenvolvimento social. O fato de ter sido estipulado tal pretensão diante da instrução popular, traz uma identificação para o ensino das escolas públicas que atendem aos ditos mais “carentes” na atualidade. No Brasil, a situação da formação e qualificação dos profissionais da educação é oriunda de outro patamar, e com outros objetivos diante de novas situações, objetivos que podem ser esclarecidos por Saviani (2009);

É na lei das Escolas de Primeiras Letras, promulgada em 15 de outubro de 1827, que essa preocupação apareceu pela primeira vez. Ao determinar que o ensino, nessas escolas, deveria ser desenvolvido pelo método mútuo, a referida lei estipula no artigo 4º que os professores deverão ser treinados nesse método, as próprias custas, nas capitais das respectivas províncias. Portanto, está colocada aí a exigência de preparo didático, embora não se faça referência propriamente à questão pedagógica (SAVIANI, 2009, p. 144).

A didática foi o ponto principal na formação dos professores, estes que tinham de atuar a partir do método mútuo, no qual os professores recebem o auxílio dos alunos para repassar o conteúdo, alunos que atuarão como auxiliares das turmas, podendo ser de fases mais avançadas ou que tiveram facilidade de aprender a matéria. Assim estruturado o ensino, não se valorizou a pedagogia, somente o modo , ou o “como” repassar o conteúdo.

Atualmente outros pontos são acometidos para a metodologia e o ensino, demonstrando como a difusão do saber e do ensinar são acompanhados das estratégias de incorporação do social, assim como aponta Schmidt e Cainelli (2009);

Tem como referência a própria ciência. Recuperação do método da História em sala de aula. Preocupação com a transposição didática: relação entre saber científico, saber a ser ensinado, saber aprendido e prática social, Valorização do uso de documento histórico em sala de aula. Incorporação de novas linguagens e tecnologias no ensino da História, como análise de filmes e uso da informática (SCHMIDT ; CAINELLI, 2009, p.19).

O homem a partir do ensino e de metodologias tem a oportunidade de entender o meio social em que vive, onde o estudante está inserido é uma demanda recorrente na atualidade. Aluno e professor precisam interagir para a aula fluir e a História ser vista como possível produtora de críticas e opinião, usando-se de novos recursos como as tecnologias que podem ser utilizadas, inclusive, em sala de aula e como meio de pesquisa e de busca por informações e conhecimento.

Até o momento os desafios da formação docente foram debatidos com as identificações na transformação do ensino, relacionando-se coma formação atual, tema que frequentemente é discutido no decorrer do texto. A partir do próximo ponto, serão discutidos os aspectos do estágio na prática docente, apresentando uma reflexão de como a experiência em sala de aula pode apresentar-se positiva e negativamente - tanto para os alunos quanto para o estagiário - a partir do método e disposições nas aulas.

2.1 AS AULAS NO ESTÁGIO

Na subseção anterior discorreremos sobre a evolução a partir da formação docente. Neste subcapítulo apresentaremos algumas demandas que enaltecerão a defrontação do estagiário com a sala de aula, sua relação com alunos e a metodologia aplicada. Na atualidade, as concepções a respeito da educação estão mais voltadas para o aprendizado do aluno, a partir da realidade e interpretação da sociedade. Por meio da aprendizagem, com o desenvolvimento de algumas atividades, propicia-se um contato entre o professor em formação (estagiário) com seu conhecimento, e o conhecimento dos alunos.

Um dos propósitos primordiais das aulas de História é levar o aluno a pensar e a entender o seu papel como estudante, além de instigá-lo ao estudo, já que vontade de querer saber sobre um passado não é constante. Além disso, o professor que poderá auxiliá-lo no

desenvolvimento de sua capacidade de situar-se no tempo, lembrando a partir de Pacievitch (2006). “Processos mentais pelos quais as pessoas buscam entender a si próprias e aos outros através da interpretação do tempo” (PACIEVITCH, 2006, p.2332). Entender a si próprio e ao outro é importante para integração entre os alunos, como em um trabalho em grupo ou dupla, pois se tem um maior contato com o outro e na disciplina na qual se estuda a vida dos homens ao longo dos tempos, a troca de informações entre os próprios alunos e professor acontece.

Durante o estágio é notável a formação de um profissional que, além de suas metas e objetivos, possui opinião e que demonstra o que pode ser desfrutado com o aprendizado que adquiriu durante seu percurso formativo. O estágio é, por excelência, um momento de intervir e garantir a eficiência como crítico e criativo, como estudante e professor.

Dessa forma, a aula é organizada para se entender o que aconteceu no tempo ou como expõe Cerri (2010), “o ensino de história pode ser definido como a interferência de caráter de desenvolvimento cognitivo, capaz de ajudar o aluno a abrir novas portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo” (CERRI, 2010, p.270). Pensar é uma ação básica da aula, aprendendo sobre o conteúdo histórico, o aluno, por consequência se situa no que ocorre em seu tempo, para depois em particular se deparar com o passado, e com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Com tais atitudes o exercício da imaginação constrói-se e o passado não é todo tido como definido e pronto. Por consequência, é preciso dialogar com o que se tem de informação, para então recriar, em sala e com a ajuda dos alunos, o que passou, tendo em vista as possibilidades dadas.

Com a continuidade histórica, é esperado que os alunos prestem atenção na aula e, sempre que possível, interajam e argumentem, pois o ato de argumentar leva ao aprender. Dito isso, defende-se que o debate em sala de aula, argumentação feita pelos alunos, fazendo com que eles queiram investigar para além do que está nos livros didáticos e apreciando a História são característica de um agente do seu tempo.

Como elucida Baron e Cerri (2011), “o pensamento histórico teria seu sentido embasado, inconscientemente, no passado que se oferece ao presente, de modo ativo, na vida prática” (BARON; CERRI 2011, p.4). Dessa forma o ensino da História está baseado na prática de se reconhecer o simples, de compreender o que se diferencia ou assemelha com o passado, estando no presente. Além de aprender que a mudança é necessária e que ela é resultado de acontecimentos, pois as coisas não surgiram no presente, elas se desenvolvem e se modificam.

O professor passa a ter a experiência da docência a partir do estágio, verificando como é a rotina de uma escola e os seus princípios, conhecendo seus alunos e trazendo para dentro da sala de aula o conhecimento que adquiriu até o momento. O conhecimento do profissional não está formado, e é partir da docência e da experiência que ele vai evoluir, progredindo junto com suas aulas e com o desenvolvimento e auxílio dos alunos. Situar-se no assunto, argumentar sobre acontecimentos e o que pode ser modificado, induzirá o aluno a compreender o seu papel como ser pensante, pertencente à História, desenvolverá o seu pensamento crítico.

Os alunos desinteressados pelo distanciamento dos assuntos a serem tratados pela História querem algo que seja compatível com a vida cotidiana, ou seja, não querem memorizar datas e acontecimentos pura e simplesmente, como muitas vezes acontece nessa disciplina. Quando se deseja buscar desenvolver as habilidades cognitivas dos alunos recorrendo somente à memorização, uma perda de tempo. O professor precisa interagir e propor uma prática que se desenvolva de maneira satisfatória para a turma, Paim (2005) traz um contexto em torno disso;

O ensino é mais uma atividade prática do que uma atividade técnica, já que implica situações complexas e problemáticas, frente às quais o professor deve elaborar critérios racionais de compreensão, bem como propostas argumentadas para definir seus fins gerais, em projetos concretos de intervenção em cada situação específica (PAIM, 2005, p. 127).

Dessa forma, compactuo com a proposição de que a função do professor, como aponta Caimi (2007), é a de “contribuir para fazer da aula um espaço de curiosidade, envolvimento, questionamento, dúvida, enfim, de interesse pelo conhecimento” (CAIMI, 2007, p.23). O domínio do conhecimento não garante a aprendizagem do aluno, porque não se ensinam as relações que se desconhece.

Portanto, é necessário estimular no aluno o desejo de realizar as atividades que, geralmente, alunos de sua faixa etária gostam de fazer, tendo em mente que o conhecimento é resultado de interação com o meio físico e, portanto, trabalhar com cooperação e integração em sala de aula, contrapondo opiniões e expondo-as é fundamental. Além disso, é preciso estabelecer um contato com a História a partir da leitura, da interpretação, da investigação e, mais do que tudo, da dedicação. Para a aula, o aluno deve ser estimulado a se desenvolver mais com a História que lhe é mostrada, história essa que possui vários vieses, não tomando o conteúdo como acabado. Rizzon (2010) nos ajuda a compreender como o conhecimento é importante para o desenvolvimento do aluno pois “ele compreende, ele inventa, ele cria, ele

constrói, ele reconstrói, enfim o conhecimento não é recebido pronto por ele, nem mesmo está nele. O conhecimento é por ele elaborado” (RIZZON, 2010, p.5). Para que aluno desenvolva o gosto pelo aprendizado, o professor busca instigar em seus alunos o desejo em saber mais e, assim sendo, desenvolver habilidades diante da História. No entanto, há de reconhecer que isso demanda tempo e paciência.

Muitas vezes, a História é considerada pelos alunos unicamente o estudo do passado, vista a partir do método positivista como uma forma de decorar nomes e datas. Quando posta assim, a disciplina torna-se desestimulante e cansativa para os alunos, por outro lado, quando o professor-historiador busca fazer com que o aluno entenda que a História é uma disciplina viva, há uma mudança na concepção do próprio aluno acerca dessa. Tal especificidade é encontrada em Moretti (2013);

É imprescindível que o professor historiador, ciente de seu papel enquanto possibilitador dessa conscientização por parte do aluno, adote em sua prática docente mecanismos que permitam ao educando perceber a História enquanto ciência/disciplina viva, que utiliza-se do passado para compreender as relações e estruturas sociais que organizam a humanidade (MORETTI, 2013, p.3).

Como consequência, a postura do professor não deve estar centrada no simples transmitir o conteúdo, é necessário instigar o aluno a aprender mais sobre os mais variados assuntos. Além disso, é importante sair da mesmice de passar no quadro. Dessa forma, o conhecimento progride, pois quando se conversa conscientemente com os estudantes, alcança-se a possibilidade de levar o ensinar a novos patamares. Sendo assim, todos são pesquisadores e investigadores de uma mesma matéria, de um mesmo tema, e com a opinião de todos sendo considerada, o professor não é um xerife e a aula é uma oportunidade de interação e desenvolvimento dos estudantes críticos.

Observou-se que o modo de se transmitir o conteúdo de História pode ser feito a partir de vários vieses, abrangendo o convívio com os alunos e com a cultura da época para a efetiva participação dos alunos no debate. A escola é, em essência, o meio inicial para se discutir e demandar as questões humanas e, por isso, há tanta importância de se entender o período de estágio dentro das instituições escolares. No próximo ponto da pesquisa será defrontada a vivência no Estágio, ou seja, como é se adaptar e conseguir argumentar o conteúdo diante de uma turma, conquistar a sua atenção e fazer com que ela se aproprie da criticidade histórica.

2.2 A VIVÊNCIA DOS ENVOLVIDOS NO ESTÁGIO

Anteriormente refletiu-se sobre a necessidade de se estimular a participação do aluno na aula, bem como o fato de ela – a aula - estar vinculada a temas do presente. Nesta subseção, serão elucidadas algumas disposições a respeito da adaptação para com as situações no ensino, tendo-se como base as expectativas e argumentações para o ensino de História nas turmas do Ensino Fundamental. O estágio em algumas universidades inicia antes, em outras ocorre no fim do curso, o que pode prejudicar quem está se deparando pela primeira vez com o que vai trabalhar a partir dali. É nesse período – o estágio - que o licenciado vai analisar se está seguindo o caminho correto do campo profissional. Dito de outra forma, é a partir da experiência em sala de aula que ele reflete acerca de suas escolhas, e se pergunta se o curso escolhido foi o que ele queria seguir. Muitas vezes vai se deparar com uma parede de indecisão imaginária em sua mente, dizendo-lhe que volte e comece tudo de novo. Em resumo, é um momento de definições ou indefinições.

Nem sempre o que se esperava encontrar na escola é o que de fato se encontra, e muitos universitários ficam por vezes irritados com situações em que nem tudo ocorre perfeitamente. No entanto, há de se considerar que o estágio docente é perpetuado de equívocos e acertos.

A prática do ensino demonstra que a vida escolar se encontra cheia de barreiras para serem superadas ou manuseadas. Um professor que está começando sua carreira pode ou não ser compreendido, e pode passar por momentos de felicidade ou infelicidade, inclusive no que se refere ao seu próprio reconhecimento. Alguns desses problemas são verificados por outros, como Saviani (2009):

Ao mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantemente se pautam pela busca de redução de custos, cortando investimentos. Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante (SAVIANI, 2009, p. 153).

Não existe facilidade ao assumir uma turma escolar no ensino fundamental quando se está aprendendo trabalhar dentro da escola. Um dos fatores que prejudicam o desenrolar das aulas está associado às transformações vivenciadas pelos alunos nesse novo ciclo, ou seja, os alunos precisam conviver com assuntos que não tinham nas outras séries; Neste contexto, acabam por defrontar-se com dados como os da História, trazendo à tona um passado que para eles pode não fazer sentido e que pode provocar confusão no que eles já entendiam sobre o

que seria a “História”. Dificilmente alguém vai se deparar com a matéria e sair manuseando ideias e perspectivas, porque simplesmente adorou História. Ela vai ser uma barreira a ser superada pelo profissional dessa área, que conciliará um momento de aprendizado dele mesmo, para conseguir provocar o gosto pela compreensão do passado em seus alunos.

Os concluintes de uma Licenciatura entendem que certamente atuarão no espaço escolar, dessa forma, a carreira que podem seguir neste momento é a docência, mas outras opções se mostram possíveis depois de especializações, como Mestrado e Doutorado, na área de Licenciatura em História podem formar pesquisadores, arqueólogos.

Em alguns momentos o acadêmico não quer estudar por se sentir exausto, isso acontece depois de um curso de graduação que pode se estender mais que o esperado caso necessite refazer componentes curriculares. Além disso, depois de concluída a graduação pode ocorrer uma acomodação, acomodação que pode ter ocorrido previamente quando um aluno terminou o Ensino Médio, no Ensino Superior o universitário, por conseguinte necessita buscar ânimo para continuar seus estudos.

No campo da universidade, independente do curso, o universitário se encontra numa encruzilhada quando termina a graduação. Além disso, há os casos de quem desista deste por perceber que não se identifica com o que vai fazer, não gosta de dar aula, não entende a escola, se estressa com os alunos ou se irrita com situações comuns como ter de conversar com pais. Há também quem não se identifica nem com os conteúdos que estudou na universidade.

Por outro lado, a escola é um local diferente e que não está habituado a isso, por isso é importante a difusão dos saberes teóricos e práticos ao longo de todo o curso como aponta Pimenta (2012);

Poderá ocorrer, por tanto, desde o início do curso, possibilitando que a relação entre saberes teóricos e os saberes das práticas ocorra durante todo o percurso da formação, garantindo, inclusive, que os alunos aprimorem sua escolha de ser professores a partir do contato com as realidades de sua profissão (PIMENTA, 2012, p. 56).

Na escola nem tudo que se trabalha causa interesse no aluno. Em alguns casos, pode ser que encontremos alunos chateados, professores desmotivados e, por consequência, uma aula não flui para ambos, repercutindo na sensação de alongamento dos temas. Dessa forma, defende-se que o interesse do aluno pode ser provocado pelo professor, pois o aluno, no geral, quer novas perspectivas e aulas que tragam materiais diferentes, mudando a rotina que tinham

com um professor, é algo que pode os motivar. A prática do professor vai reagir no comportamento dos alunos, aspectos vistos em Filho e Gonçalves e Vidal e Paulito (2004);

Cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas a que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULITO 2004, p.143).

Há casos em que se verifica que o estagiário não consegue interagir de forma plena com os alunos, graças a um nervosismo ou falta de experiência latente. Cada turma interpreta de maneira diferente a chegada de um novo professor e conseguir efetuar o estágio a partir do que o acadêmico propõe em seus planos de aula é um desafio, pois é necessário argumentar e fazer com que os alunos participem da aula sem sucumbirem a outras distrações, como conversas paralelas e o uso de tecnologias (celular).

Nesses termos, com o estágio passa-se por um ritual de pesquisa, inclusão e apropriação de conhecimentos, que fazem parte do seu curso como um todo, Mello (2012);

Os ordenamentos jurídicos que regulam o estágio nas licenciaturas, o sentido de ir a campo e pesquisar seu campo de ação docente futura, assim como o significado do estágio ao longo do currículo avançaram no sentido de que a prática se dê ao longo do curso, não apenas no momento que adentram o campo de estágio (MELLO, 2012, p. 2).

É importante que os acadêmicos possam contar com um contato permanente a escola e com a futura profissão. Tal aproximação pode ser interpretada como uma questão de respeito pelo profissional que irá se formar, como maneira de se aproximar da escola, alunos, professores e da gestão escolar. Perceber como é atuar deveria ser prática inicial de qualquer profissão, certamente frisar também nos cursos de Licenciatura.

Analisou-se até o momento como alguns universitários se frustram com algumas condições encontradas na escola e que podem provocar desânimo e tentativa de fuga dessa futura profissão, não sendo exatamente o que esperavam, tem de enfrentar as situações, se adaptar com a rotina e conquistar aos alunos e colegas de profissão, para continuar a jornada acadêmica. Abordaremos na próxima subseção como conviver em harmonia com os professores da escola para desenvolver melhor as suas atividades. Será, portanto, uma análise a partir da relação entre o estagiário e os professores da instituição escolar, onde este vai

realizar as atividades, sendo notados o apoio ou a rejeição dos profissionais das instituições diante dos estagiários.

2.3 O ESTAGIÁRIO E A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Anteriormente se abordaram os desafios da disciplina e da formação a partir do estágio, neste subcapítulo se vê a defrontação de como é a relação entre o professor da instituição escolar e o estagiário durante o período da atividade acadêmica. A escola pode provocar o medo no aluno ao longo da sua estadia nela e também pode provocar medo no acadêmico, quando este não recebe apoio dos que se encontram na instituição, partindo partir da direção, dos pelos professores e dos próprios alunos. Por esses motivos, as etapas de encorajamento e imposições podem ser mais um dos desafios ao longo da carreira do futuro professor.

Mesmo que o estágio não obrigatório não seja um estágio remunerado, ele pode ser considerado para muitos como o início da vida profissional e, portanto, poderá repercutir em momentos críticos e situações constrangedoras para o universitário. É importante ressaltar também que o estágio só pode começar depois de 50% da carga horária do curso ter sido realizada e não teria como “começar antes”, mas seriam possíveis inserções no ambiente escolar antes dos estágios. Se essas inserções que antecedem ao estágio ocorrem, elas abrangem um maior tempo em sala de aula, bem como uma diversidade de turmas políticas e maneiras de colocar o universitário dentro da escola para entender como esta funciona. Tais aspectos são analisados por Mello (2012);

Com o advento do programa supracitado, o PIBID, que estes alunos bolsistas encontram no estágio um terreno fértil para por em prática suas vivências na escola, são alunos com um olhar diferenciado para o ambiente escolar pois já convivem na escola com suas idas e vindas semanais. Estes alunos encaram a escola a partir de uma perspectiva de um futuro educador, sua apreciação amadureceu e portanto suas ações e empreendimentos neste aspecto também. (MELLO, 2012, p. 3)

Quando o estagiário esteve na sala de aula anteriormente, tendo contatos com os alunos, como professor a situação de rotina escolar, a sua visão diante da realidade escolar é diferente, nem tudo é uma surpresa. No entanto, a apreensão que faz parte do início do novo ciclo ainda existe resalta-se que é mais contida. Para um estagiário que já vivenciou um projeto como o Pibid, a sala de aula é um local que percebido como espaço de interação, pois ainda que não tenha conduzido atividades sozinho até aquele momento (os pibidianos realizam as atividades

de forma coletiva) a situação é diferente, porque o sentimento de pertencimento e identificação com o espaço escolar está mais latente.

O futuro professor chega à sala de aula e se depara com um novo ritmo, o qual não tinha na universidade. Além disso, a vida de professor pode contar com momentos de insegurança, instabilidade, bem como de inspiração e troca de conhecimentos com alunos e outros profissionais da instituição escolar. Há, portanto, nessa interação uma real contribuição para a formação docente, que é a “possibilidade de interagir com profissionais no seu contexto de trabalho” (FELICIO; OLIVEIRA, 2008, p.225).

O professor que ainda está estudando é, também, um estudante que carrega consigo os desafios na universidade e os novos que a sala de aula lhe apresenta. A educação e a universidade requerem tempos e circunstâncias que transformem a visão do universitário, do seu local de estudo para o seu local de prática, do que aprendeu até o momento. Dessa forma, ele estará preparado para se deparar com a prática de estágio quando assim lhe couber. A lógica e organização da prática obrigatória do estágio pode ser compreendida a partir do 13º, do CNE (2002);

§ 3º O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio (CNE, 2002, p.6).

O estudante estagiário poderá se defrontar com uma nova realidade a cada momento de sua rotina na escola, tendo o convívio com os professores que atuam na escola onde este estagia. Desse modo, podemos elencar dois perfis principais de professores da educação básica que o estagiário poderá encontrar: o professor que entende a importância do estágio para a formação profissional do aluno e o ajuda; e outro que vê na presença do estagiário na escola como um intruso no seu trabalho que prejudicará o andamento das aulas.

Diante disso, é possível verificar tal argumento em Mello e Lindner (2012) “Refletindo a prática do professor regente, traçando perspectivas que potencializarão o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente” (MELLO; LINDNER, 2012, p. 1), assim como ele continua “aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ ensinado no decorrer dos cursos de formação e no estágio” (MELLO; LINDNER, 2012, p. 5).

O professor que incentiva o seu estagiário é aquele que, provavelmente, em algum momento de sua formação obteve o auxílio de outro professor regente. Criar oportunidade e

incentivar o aluno é função como professor dentro da sala de aula. Quando o assunto é ajudar ao seu futuro colega de trabalho, pode ser visto como uma troca de informação e aprendizados, além de um processo de valorização de quem, como ele, decidiu seguir a carreira docente.

Quando se fala na área de História, há casos em que nos deparamos com ocasiões de aulas diferentes, a saber: primeiro um professor que somente lê um livro com os alunos, e de outro que dará um “seminário” sobre o conteúdo. Do professor que só faz o aluno copiar do quadro, ou daqueles que fazem por muitas vezes os seus alunos pesquisarem tudo aquilo que ele deveria transmitir. A pesquisa do estudante não é algo ruim, mas ela pode ser usada como um meio para se desvincular dos compromissos como profissional. Ou seja, essas aulas com suas particularidades podem acontecer, dependendo de professor para professor.

O professor da instituição escolar que não irá ser tão receptivo ao estagiário, na maioria dos casos, é aquele que está acostumado a uma rotina, a um ritmo de trabalho e a uma maneira própria de atuar dentro da escola. É necessária uma interação entre o estagiário e outros participantes da instituição de ensino, “a aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocadas em uso capacidades pessoais” (CNE, 2002, p.2). O professor da escola pode ter certa precaução pela desconfiança em o estagiário conquistar os alunos que ele não tenha conquistado, trazendo aulas que assumem um novo modo de produzir diante dos conteúdos abordados.

Verificou-se que a convivência entre professores e acadêmicos pode ser uma atividade tanto positiva quanto negativa, com frustrações e indignações de ambas as partes. O acadêmico pode ser um empecilho no caminho do professor, e o professor também fazer esse papel diante do acadêmico. Usufruir de momentos diferentes em sala de aula com os alunos e, principalmente, desenvolver habilidades no futuro professor, que vai trabalhar na matéria de História são funções primordiais do estágio. No próximo subcapítulo será feita uma avaliação de possibilidades nas aulas de História para o estagiário, de maneira a entender aspectos desde as aulas tradicionais até aulas com recursos tecnológicos, analisando-se como a metodologia é influenciadora no processo de ensino e de aprendizagem.

2.4 DESENVOLVENDO AULAS DE HISTÓRIA PARA O ESTÁGIO

Discorreu-se no subcapítulo anterior sobre os empecilhos oriundos das oportunidades de se conviver com os profissionais da educação. Agora, neste subcapítulo, a análise vai ocorrer por meio da compreensão das concepções de metodologia aplicadas em sala de aula que vão do tradicionalismo a uma “inovação” com o auxílio das novas tecnologias. O professor que só utiliza seu livro didático para o desenvolvimento da aula está enclausurando a si próprio e aos seus alunos a uma rotina muito restritiva, já que para essas atividades, os alunos poderiam até estar estudando em casa, já que seriam somente leitura e interpretação do livro. Tal fato desestimula o aluno, fazendo com que ele não aprenda e com que o próprio professor desaprenda-a. Tende-se trabalhar com os seus alunos como seres pensantes e críticos, que possuem opinião e merecem respeito como estudantes, Felício (2008) demonstra isto;

Considerada a prática educativa enquanto interação que privilegia o desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com coisas e nem objetos, mas com seus semelhantes dotados, também de liberdade (FELICIO, 2008, p. 220).

A sala de aula precisa ser diferente porque os tempos mudaram e os professores e os alunos mudam a cada ano, a cada geração. Avança-se inclusive a tecnologia que pode ser utilizada como material para se expor o conteúdo, ou seja, existem vários recursos que podem ser utilizados. Além disso, a aula pode ser mais focada na diversificação, um exemplo é uso de filmes com qualidade melhor pelo avanço tecnológico, para isso o professor tem de organizar as suas aulas, o que é demonstrado no artigo 2º do Conselho Nacional da Educação, (2002) “(...) VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores” (CNE, 2002, p.1).

A ideia de continuar com os velhos hábitos que dizem respeito a tradicional “fórmula” ler, escrever e gravar na memória pode prejudicar o desenvolvimento do trabalho docente. É preciso, pois, atrair o aluno para a metodologia da aula, sendo a interação um meio prático que produz o interesse e o debate em sala de aula, suscitando a criticidade. Tal ponto é retratado por Martins, Sosa (2009) “o educador apenas poderá compreender o educando, e este o educador, a partir do momento que ambos os agentes se identifiquem como sujeitos de uma mesma relação” (MARTIN, SOSA, 2009, p. 8719).

De modo que o aluno seja instigado a pesquisar, se interessar pelo conteúdo, a História alternativamente sendo construída pelo desenvolvimento da crítica e influências trazidas pelo

docente. O ensino da História auxilia o aluno no processo de apropriação de novos modos de agir, e de pensar, possibilitado ao aluno a identificação de uma opinião própria, do que é visto a partir de conteúdos e patamares do que os dados trazem. Além disso, ela produz a oportunidade de se esclarecer fatos, estabelecer metas, vislumbrar opiniões e questões que podem indagar o passado o presente e o futuro, integralmente prepara aos alunos para a sociedade em que vivem como transmite Martins, Sosa (2009);

Não cabe aos educadores apenas cobrar de seus educandos conteúdos estanques, preparando-os para o mercado de trabalho ou para o vestibular, mas sim para a vida em sociedade (MARTINS, SOSA, 2009, p.133).

É necessário que o aluno entenda que a História não só o passado, ainda que as aulas, quando monótonas e baseadas somente no livro, não possibilitem a reflexão acerca do presente e da atualidade. Sem uma compreensão do que foram as circunstâncias históricas tratadas em aula, mas somente para inculcar um ideal social. Nesses termos, têm-se circunstâncias como as apontadas por Bittencourt (2009), “considerando que a História foi introduzida, de forma obrigatória, nos currículos das escolas com o objetivo político explícito de contribuir para a construção da ideia do Brasil ser uma nação, de ter uma identidade nacional” (BITTENCOURT, 2009, p. 193).

Em linhas gerais, é necessário demonstrar aos alunos que a História continua viva, sendo que ela deveria fazer pensar, acreditar e produzir diante do outro, ser manuseado, e arrumado com o tempo. Sabe-se que nem tudo acontece assim, as bases do ensino demonstram que para se aprender é preciso ter opinião própria, e não opiniões que partem somente do passado, retratado como passado, visto como passado, e vivido como passado, afinal o ser humano vive no presente, lembrando Bittencourt (2009);

O objetivo da História escolar tem sido o de entender as organizações das sociedades em seus processos de mudanças e permanências ao longo do tempo, e nesse processo, emerge o homem político, o agente de transformação entendido não somente como um indivíduo, mas também como sujeito coletivo: uma sociedade, um estado, uma nação, um povo (BITTENCOURT, 2009, p. 186).

Os professores têm de formar sua identidade como profissional e como pessoa, Pimenta (2012) o expõe quando aponta que “a construção e o fortalecimento da identidade e o desenvolvimento de convicções em relação à profissão estão ligados às condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização conferida pela sociedade à categoria profissional” (PIMENTA, 2012, p. 66). O pessoal pode ser visto quando esse se dedica para transformar os

seus alunos a partir do que ele possui como experiência, não deixando transparecer e inculcar somente a sua opinião diante do aluno, mas deixá-la clara.

Criticar ao outro também pode ser uma base para o desenvolvimento das ideias e da prática pedagógica. Assim sendo, critica-se a política, a situação de classe, a desvalorização da população, mas é preciso se basear em dados, fatos e experiências que trarão para o estudante e para o professor respostas para perguntas ainda não respondidas, questionamentos internos, lembranças, mágoas que não foram verificadas pelo tempo. Pode-se criticar a formação e a inclusão de táticas que proporcionam dúvidas, e que trazem à tona questões como aponta Shaffrath (2006);

Somente quando nos cursos de formação formos capazes de construir estruturas de cursos que reconheçam a arbitrariedade da separação entre teoria e prática e a necessidade de afirmar concepções críticas sobre a escola e o universo de categorias que a ela se ligam, poderemos articular as atividades de estágio com a pesquisa acadêmica, alimentadas pelas vivências dos estagiários nas escolas (SHAFFRATH, 2006, p. 6).

O período e o espaço do Estágio funcionam como um momento de aprendizagem e autorreflexão, ou seja, um processo de formação. Dessa forma, não cabe ao estagiário a tarefa de transformar a escola, ou ser visto como um sujeito que resolverá as problemáticas presentes, pois como aponta Shaffrath (2006), “as escolas, estas esperam que os acadêmicos com seus conhecimentos teóricos resolvam os problemas que a prática docente enfrenta no dia a dia” (SHAFFRATH, 2006, p. 4).

Os desapontamentos com a profissão são resultados da não valorização do professor, já que ele não é sempre valorizado como deveria ser. Por vezes, só recordam de sua importância em datas “especiais”, como o dia do professor, no qual a mídia e o poder que regulamenta a educação lembram, ainda que por um momento, que este profissional existe e que não é um objeto de uso do poder para desenvolver seus ideais de identificação. Felício (2008) comenta que “o Estágio como uma das oportunidades de avaliar a sua própria docência” (FELICIO, 2008, p. 224) pode trazer a opinião e a crítica sobre o que se vê na comunidade e levar os alunos a pedirem situações melhores para si mesmos, influenciar na transformação social.

Não só a transformação social, como o desafio de se entender e compreender a sociedade em que o estudante está inserido são preocupações que norteiam o estágio do profissional. Os patamares, pretensões e disposições que são postos em sala de aula, em matérias que tratam da área de humanas como a História, influenciam o desenvolvimento de aproveitamento do social. Veja-se que ao modificar, e, por conseguinte, a saber, vislumbrar

bem como que os estudantes entendam, participem, criem e interajam entre si, com o passado no presente.

O desafio será constante para professor e alunos, pois mesmo que na maior parte do tempo o estudante esteja na escola, assim como o professor, pode ser que nem sempre eles estarão em sintonia. Alunos podem não respeitar ao professor e aos colegas e esta é uma jornada difícil, com metas que não são atingidas em alguns casos, além de medos que não são controlados, experiências frustrantes. Como Pimenta (2012) argumenta. “As limitações na formação inicial dos professores, que historicamente acumulava índices precários devido à formação aligeirada e muitas vezes frágil teórica e praticamente” (PIMENTA, 2012, p.50).

O estagiário está aprendendo, e isso pode trazer momentos difíceis durante a sua atuação como iniciante na mesma medida que pode estar tendo complicações no quesito teoria e prática, porque a prática não é como a teoria expõe. Há momentos difíceis no que se refere à compreensão, momentos esses em que, segundo a teoria, o aluno aprenderia facilmente. Na prática, no entanto, a situação é diferente porque, a maneira de expor os conteúdos e os próprios conteúdos podem não interessar, nem fazer sentido para o aluno que, por consequência, não participará da aula. Com essa não participação efetiva da aula, o estagiário percebe que essa não saiu como no princípio esperava.

Nas aulas um dos objetivos principais dos professores é o de que os alunos se envolvam, tracem estratégias, conquistem conhecimento e aprendam. Outro fator importante durante o estágio é lembrar-se do aluno, ele que está tendo de se adaptar a um novo professor, quebrando o ritmo de seu aprendizado. O aluno também tem de se acostumar com uma nova iniciativa em sala de aula, com novos princípios, novos conteúdos, atividades diferentes e modos de pensar distintos, e isso pode fazer diferença na aprendizagem dele. Dito de outra forma, as dificuldades que já existiam podem ser aumentadas, além de um medo de interagir, da vergonha, constrangimento, tendo dificuldades, não se deve esquecer-se do envolvimento com os alunos. Dificuldades existem e Shaffrath (2006) aponta que “todo trabalho de investigação tem sempre hipóteses preconcebidas, e não raro, acompanhados do desejo de superá-las. Mas ainda que se tenha um resultado esperado, quase sempre somos surpreendidos por aspectos não deduzidos anteriormente” (SHAFFRATH, 2006, p. 5).

Por isso que a interação com a sala deve partir do estagiário, em um debate com os alunos, para que ambos consigam executar suas funções como professor e aluno, já que ambos estão aprendendo. Quando o aluno sente-se à vontade na sala de aula, é um sinal de que a aula cumpriu o seu propósito, ou seja, ela é gratificante.

A vida do profissional da educação é rodeada de vários desafios que devem ser lembrados junto do estágio, pois a falta de experiência nesse momento pode repercutir em um forte desânimo em quem está começando a nova carreira. As instabilidades que estão imbricadas na profissão docente culminam no abalo da estrutura emocional do profissional, como elucida Pimenta (2012);

Perspectiva de encaminhar propostas e soluções aos problemas e soluções estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais, constitui o núcleo das pesquisas em várias áreas da educação (PIMENTA, 2012, p. 40).

No entanto é necessário admitir que cada universidade possui um modo de trabalhar com o estágio e que todos os cursos de licenciatura integram essa matéria para a qualificação e aprendizado do aluno como futuro professor. Por outro lado, o tempo de estágio, bem como professor que vai orientar a sua formação durante esses períodos, é diferenciado em cada universidade, e pode agregar ou desestimular o acadêmico durante da sua formação.

É importante ressaltar também que nem sempre o estagiário tem uma boa relação com o seu orientador, e isso traz danos para o aprendizado do aluno, para a turma e para o próprio professor. Este deveria ser alguém em que o universitário confie, e não se sinta pressionado nem alterado no momento que para os alunos (acadêmicos) é o mais importante no estágio: o momento da aula, a qual o professor assistirá para analisar a desenvoltura, com o domínio da sala, de conteúdo e de preparação para assumir uma turma. Preparação esta que pode ser entendida através de Pires (2012). “O professor orientador, pela sua visão privilegiada sobre o espaço escolar, pode auxiliar o estagiário para a percepção do saber escolar, um saber docente que só vêm com a experiência do magistério” (PIRES, 2012, p. 934).

A partir do que foi demandado, verifica-se que a atividade merece atenção dentro das universidades, como também mais reconhecimento por parte do governo. Poderiam ganhar uma ajuda de custo (bolsa) durante este período, bem como incentivos durante todo o curso para que o universitário consiga se formar. As universidades têm de estar engajadas e estabelecerem períodos mais longos de estágio, além de existirem meios de o acadêmico estar envolvido com as instituições de ensino de educação básica para iniciarem mais cedo na docência, programas no estilo Pibid. Além disso, os professores das escolas poderiam ter na formação continuada orientação a como agir com estagiários para que se pudessem amenizar os conflitos. E, por último, acreditamos que a gestão das escolas poderia também passar por formação para atender aos universitários com mais eficácia.

Ao longo deste capítulo foram vistos vários pontos que enalteceram como funciona o estágio de maneira geral, não apontando especificamente para uma instituição, mas trazendo à tona questionamentos e posições que elucidam como o estagiário pode se sentir diante da escola, dos alunos, do professor que será o seu apoiador ou da instituição escolar. Além disso, discorreu-se sobre o papel do orientador e da importância das práticas diversas durante as aulas, bem como das inseguranças e momentos de satisfação que o estágio e a profissão docente oferecem.

No próximo capítulo a ideia é abordar os aspectos que são encontrados na matriz do curso de História de 2010. O foco de análises se concentra no estágio na UFFS e as defrontações vistas diante de como ele está regulamentado.

3 O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – LICENCIATURA NA UNIVESIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Este capítulo tem o intuito de refletir sobre estágio supervisionado no Curso de Licenciatura em História do *Campus* Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul. Buscar-se-á analisar suas demandas e regulamentações estabelecidas nos PPC's do curso de licenciatura, sendo demandado como norteador o PPC do ano de 2010 e a matriz que a acadêmica da pesquisa está vinculada.

No momento em que se inicia um curso de graduação estabelecido a partir dos parâmetros da licenciatura, conscientiza-se sobre como a sua formação estará baseada no ensino e nos dogmas e estimativas que esse produz primordialmente nas escolas e na sala de aula. A qualificação do estudante vai ao encontro com os ideais e percalços que se enfrenta diante dos alunos. O acadêmico, delimitado por um plano a seguir, identifica-se com os aspectos que não lembra, ou se lembra de pequenos lapsos de como funciona o ensino na escola.

A divisão do ensino escolar para o ensino universitário é notável e as interpretações e defrontações que o estágio, com toda a sua estrutura e estereótipos que proporciona, traz argumentos para enaltecer como a visão do estudante é abrangente. A experiência pode inculcar valores e aprendizado, aprende aquele que enfrenta e encontra respostas para variadas situações.

A experiência que o estudante vindo da universidade terá com a sala de aula baseada no que a documentação da instituição programou para ser elaborado durante o estágio. As considerações que se enaltecem dentro do estágio e enfrentamento da sala de aula fazem parte das imposições transmitidas desde o PPC do curso. Bem como uma análise dos aspectos do PPC de 2010. Por esse motivo, o documento apresenta-se como uma base importante de ser estudada e lembrada nas matérias de Estágio Curricular Supervisionado, assim como nos relatórios da matéria e no desenvolvimento das atividades.

Os aspectos relevantes vistos no PPC, bem como os avanços e estagnações no modo da formulação da prática da atividade de estágio serão apontados como forma de se provocar questionamentos sobre as demandas que esta etapa do curso vem desenvolvendo na instituição de ensino superior.

Para romper a tradicional dicotomia entre os que pensam e os que executam a educação, portanto, dar autonomia para que o professor além de executor também

produza o que deve ser ensinado, é preciso que o debate se torne público, que se explicitem as posições, as divergências. Esse debate público deve se tornar um elemento constitutivo da autonomia profissional de professores rompendo com o autoritarismo impositivo que, muitas vezes, permeia as relações dos setores político administrativo para com os professores (PAIM, 2005, p. 150).

Na Universidade Federal da Fronteira Sul, os aspectos que se notam a partir do estágio estão relacionados com a falta de leitura do PPC de História (Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História – Licenciatura), por parte dos estudantes, ou seja, grande parte não conhece as condições encontradas nesse documento, devido não explanar-se uma leitura em nenhum componente curricular durante o curso e somente questionarem em algumas situações corriqueiras de aula se alguém já leu o mesmo. Por isso, defende-se nesta pesquisa que a sua leitura deveria ser obrigatória em algum componente curricular da área de ensino. Isso porque nele se encontram as normas do estágio, as maneiras pelas quais deve ser articulado, o período de prática, as funções dos estagiários, as atribuições do professor responsável pelo estágio, à escola em que estará se dedicando nesse período, a instituição formadora etc. Ou seja, o PCC oferece ao Estágio o suporte para o seu desenvolvimento, defendendo que a atividade de atividade tem por objetivos;

(...) **Art. 5º II** – Proporcionar condições de reflexões críticas sobre os conteúdos teóricos do curso e a sua aplicação na relação teoria/prática;
 IV - Analisar a adequação dos componentes curriculares, dos objetivos e dos conteúdos do Curso de Graduação em História – Licenciatura e sua relação com o cotidiano da sala de aula;
 V – Recolher, organizar e analisar os resultados obtidos nas práticas pedagógicas para a produção e sistematização de novos conhecimentos; (PPC, 2010, p.117).

Situações que poderiam ser aprendidas no estágio, ou através desse, não ocorrem pela falta de estrutura e atendimento que os alunos não encontram. O PPC aponta a existência de uma pessoa responsável pelo acompanhamento do estágio (orientador) que deveria realizar um acompanhamento eficaz junto aos discentes e docentes, e outra como responsável pelas aulas (professor do componente curricular). O que se nota é que isso não acontece, pois o responsável pelo estágio pode ser o mesmo que ministra as aulas, dentro de sala, tendo condições retraídas pelo tanto de trabalho que possui, com as demandas que a atividade e sua burocracia provocam. As funções são estabelecidas com aplicabilidades e metas conferidas até o coordenador do estágio;

(...) **Art. 12** O colegiado do Curso de Graduação em História - Licenciatura, a cada dois anos, indicará um professor para ser o Coordenador de Estágio.

(...) **Art. 14** Compete ao coordenador de estágios:

III - Promover a discussão e avaliação das atividades relacionadas aos estágios do Curso de História;

V – Acompanhar o planejamento e execução dos estágios juntamente com os professores e discentes do Curso de História;

VI – Divulgar as experiências de estágio por meio de eventos específicos, em seminários, publicações e outras formas possíveis de socialização de resultados; (PPC, 2010, p. 119).

O atendimento e atenção que os acadêmicos precisam nessa atividade curricular por parte do orientador de estágio podem ser restritos, sem respostas imediatas, pois é preciso que se tomem decisões durante a execução da prática, aprimorando suas intenções no tratamento dos assuntos abordados com as turmas. Sabe-se que o professor necessita se emancipar no processo de ensino e aprendizado, criando uma identidade particular. Nesse sentido, “Pensar em mudanças em qualquer nível educacional e social exige uma reflexão sobre as concepções de formação, prática e saberes, pois a partir desse olhar é que será possível se constatar o processo de emancipação do indivíduo” (SANTOS, 2010, p. 123).

O professor universitário e responsável pela disciplina de estágio tenta, na medida do possível, que os seus alunos sejam orientados e que desenvolvam uma boa relação com a escola em que atuam. Devido às outras obrigações que englobam sua profissão, geralmente é possível que compareça poucas vezes para avaliar o desenvolvimento do aluno, podendo ir só a uma aula. Situação que não é de toda ruim, porque é justamente nessa aula que o aluno se sente pressionado e amedrontado, ainda que o docente não desejasse isso, o que não ameniza os medos do estudante. O professor deve, como demonstra o artigo 15 do PPC;

(...) **Art. 15** Compete ao professor de Estágio Curricular Supervisionado em História:

(...) III – Orientar o estagiário nas questões relacionadas ao conteúdo, metodologia e referências bibliográficas relativas ao projeto;

(...) V – Participar das atividades promovidas pelo Coordenador e pela Divisão de Estágio da UFFS;

VI – Auxiliar os estagiários na elaboração dos relatórios (PPC, 2010, p.120).

O auxílio aos acadêmicos nessa etapa do curso de graduação demonstra como as diferentes situações encontradas na universidade podem ser contrapostas, pois essa atividade envolve várias pessoas, do professor universitário ao aluno da educação básica que irá assistir às aulas do professor estagiário. Formar-se professor é compreender como é preciso se preparar para encontrar modos de ensinar e verificar como o conteúdo de História pode interferir na reflexão e crítica diante da realidade social, que envolve todos que a estudam.

No início desse capítulo avaliamos como os responsáveis pelo funcionamento do estágio estão elencados e enunciados dentro do PPC do ano de 2010. Com suas disposições, foi demandado como estão vinculados aos acadêmicos com suas funções dentro do curso. No próximo subcapítulo será apontado o desenvolvimento de um estágio não mais ao estilo conservador, ou seja, uma prática que envolve a interação e disposição dos alunos para a pesquisa, além do aprofundamento de ideias para o seu desenvolvimento dentro da formação docente.

3.1 APURANDO O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

Anteriormente se viram alguns papéis dos agentes no estágio. A partir de agora será elaborado um panorama sobre como é o envolvimento do universitário estagiário com os colegas, orientador, professor e todos que compõem esta atividade e a universidade. Debateremos também sobre a necessidade de auxílio e da pesquisa para desenvolvê-la gratificadamente. O estágio é uma prática que vem permeada pela teoria e o desenvolver-se na escola necessita ser debatido na universidade.

Dessa forma, acreditamos que o que traria confiança para o acadêmico seriam aulas nas quais pudessem expor o que estão enfrentando nas instituições escolares, os seus medos, suas angústias, defrontações e imperfeições na maneira de agir como professor em sala de aula. “A escola mais que qualquer outra instituição, é um ambiente que necessita de muita pesquisa, para sanarmos ou modificarmos algumas estruturas existentes” (LÓ, 2014, p. 89).

O estágio do Ensino Fundamental é a primeira noção que a maioria tem de como funciona uma sala de aula. Alguns tiveram contato com a docência pela prática como ACT, (Admitido em Caráter Temporário) onde professores atuam com um contrato temporário, no estado de Santa Catarina atuam geralmente em contratos de um ano, presta-se prova e conforme a colocação que o candidato consegue, pela sua nota e títulos que possui, escolhe a partir das vagas existentes a escola em que quer atuar durante o tempo de contrato. Ou como participantes de projetos como o Pibid, (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) para o desenvolvimento do estudante de Licenciatura que passa a ter contato com as instituições escolares, entendendo como funciona a escola e a sala de aula. É necessário, no entanto, compreender os desafios vindos de uma atividade diferenciada como a docência, como expõe Maciel (2012);

Constatamos que as finalidades da formação de professores estão longe de algo simples ou superficiais. Envolvem, contrariamente, um conjunto intencional e subjetivo que torna a formação profissional mais abrangente do que somente as ações educativas específicas de uma estrutura curricular. No que concerne ao estágio supervisionado, a importância, para além de um cumprimento curricular, reside também na percepção dos professores em formação inicial em constatar o quanto a aprendizagem esta ação formativa pode ser (MACIEL, 2012, P, 40).

A prática de estágio permite compartilhar informações, dialogar com os colegas e professores, tirar dúvidas, estar engajados em uma causa, e desenvolver sua formação como docente. Ao longo das atividades de estágio, várias situações encontradas em sala de aula são analisadas como prática de reflexão e pesquisa junto aos demais colegas que estão envolvidos com esse componente. Dessa forma, resgata-se por meio da narrativa e da memória suas percepções e expectativas em torno da profissão e do ensino.

(...) **Art. 3º** O Estágio na UFFS é concebido como um tempo-espaco de formação teórico-prática que mobiliza um conjunto de saberes acadêmicos e profissionais para observar, analisar e interpretar práticas institucionais e profissionais e/ou para propor intervenções, cujo desenvolvimento se traduz numa oportunidade de reflexão e de questionamento acadêmico, profissional e social, de iniciação à pesquisa e de redimensionamento dos projetos de formação (PPC, 2010, p.216).

Ou como visto no artigo Art. 4º “gerando ao mesmo tempo, o estímulo à pesquisa e a busca de conhecimentos, oportunizando a articulação entre a teoria e a prática no decorrer do processo de formação do acadêmico” (PPC, 2010, p.216).

Dito de outra forma, a prática em sala de aula possibilita entender como é o ser professor e os desafios que permeiam a sala de aula. Os estagiários estão numa tarefa de investigação e reconhecimento de como é atuar, uma verdadeira tarefa de pesquisa em torno da sua profissão.

Por isso acreditamos que grupos de pesquisa poderiam ser formados para nesses acontecer uma troca de informações, ideias do que ser usado no estágio, fontes, livros, filmes, atividades, experiências debatidas para o desenvolvimento das primeiras aulas da carreira do profissional docente. O orientador intermediando e acompanhando seus alunos, desenvolvendo atividades, identificando-se com a profissão.

É preciso que a pesquisa seja um processo incorporado pelo Estágio que compreende a prática articulada com a teoria, e mais, que os processos teóricos-práticos vivenciados pela escola se transformem em produtos/ processos das pesquisas científicas sobre o cotidiano escolar (SHAFFRATH, 2006, p. 2).

O tempo de preparação para o estágio é algo a ser verificado, ocorrendo em períodos anteriores provoca a oportunidade de os alunos desenvolverem suas atividades de forma tranquila, pensar em aulas criativas e se orientar sobre como a prática ocorre. Nesse período se vê na prática o que foi apresentado na teoria em sala de aula. As turmas do curso de História que seguiram a primeira grade curricular têm pouco tempo na realização do estágio, isso não é tão significativo no estágio para o Ensino Fundamental, no qual há um período para observação e outro para a docência. Contudo, no estágio para o Ensino Médio as duas funções são desenvolvidas no mesmo semestre, ou seja, pouco tempo e muitas obrigações.

Pimenta comenta que a “Contraposição entre teoria e prática não é meramente semântica, pois se traduz em espaços desiguais de poder na estrutura curricular, atribuindo-se menor importância à carga horária denominada “prática” (PIMENTA, 2012, p. 34). E as divisões dos tempos do estágio estão assim elaboradas nos documentos de 2010;

(...) **Art. 7º...** a partir da Sétima fase com Estágio Curricular Supervisionado em História I com 6 créditos (90 h/a), na Oitava fase com Estágio Curricular Supervisionado em História II com 10 créditos (150 h/a) e na Nona fase com Estágio Curricular Supervisionado III com 12 créditos (180 h/a), perfazendo um total de 28 créditos com 420 h/a (PPC, 2010, p.117 e 118).

Com o aumento do tempo de preparação do estágio, é possível investigar e desenvolver pesquisa mais completa, além de viabilizar condições para que o aluno esteja de fato engajado na escola e na rotina escolar, que são partes fundamentais da base de sua carreira como docente. Ainda que o aumento de tempo para a preparação das aulas não tivesse o objetivo de planejar aulas perfeitas, tem-se a consciência de que estudar e preparar aulas requer tempo. Por isso a pesquisa para preparação das mesmas poderia contribuir para a formulação de aulas instigantes e conclusões diferenciadas sobre como é o agir dentro da instituição escolar, em contrapartida com o que se vê na universidade.

É necessário que as atividades realizadas pelos alunos estagiários sejam planejadas dentro de um espaço/tempo, no currículo do curso de formação, tornando-se, assim, capaz de promover a análise crítica, a reflexão e o diálogo, na tentativa de integrar a realidade educativa com a profissional, tornando o estágio uma atividade prazerosa, permitindo ao estagiário conhecer, vivenciar e experimentar seu campo de trabalho (SILVA, 2013, p. 81).

Outro ponto a ser lembrado na instituição é que o aluno não tem a oportunidade de escolher seu orientador, ele é orientado por quem está à disposição para atuar na tarefa. Se o aluno pudesse escolher por quem gostaria de ser orientado, a sua visão do que fazer nas aulas,

de como utilizar os materiais didáticos, bem como de orientação, estariam interligadas a um professor com quem se identificasse. Assim o sendo, o medo não seria algo propício e recorrente, pois como foi ele (o próprio estagiário) quem escolheu o profissional que o acompanharia, as orientações seriam mais apuradas e construiriam melhores condições para as aulas de estágio.

Em reuniões com professores da universidade trocam-se ideias de como se desenvolve o estágio, com estratégias para melhorar o que não dá certo, ou acrescentar esforços para continuar, o que possibilita maior compreensão de como agir em sala de aula como docente. Com o PPC envolvido a pesquisa e a prática, se tem um avanço. “A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática” (PIMENTA, 2012, p. 37). O que se tem como um princípio condutor é a prática da pesquisa, que gera melhores oportunidades de se desenvolver como acadêmico;

Com a intenção de quebrar esse modelo (técnico, aplicacionista, instrumental) e deslocar a prática de ensino do lugar de aplicação, optamos por enfatizar o ensino articulado á pesquisa. Busca-se, assim, construir a possibilidade de tornar o estágio um momento de investigação e construção de conhecimentos, e não restrito à aplicação de conhecimentos produzidos em outros lugares (ROSSATO, 2011, p. 89).

Por não se sentirem preparados, por trabalharem ou porque percebem que é uma profissão complicada, muitos desistem da graduação. Para que menos alunos desistam do curso, tendo-se em vista que se formam poucos acadêmicos nos cursos de licenciatura, a orientação e o incentivo deveriam ser as marcas constantes da Universidade Federal da Fronteira Sul.

O estágio Curricular Supervisionado II visa o aprender a dar aula. Sendo assim, o espaço destinado a esta disciplina nos currículos da Universidade deveria ser mais longo, ter mais conteúdos ou mesmo disciplinas que abrangessem está temática. Pois ao longo da trajetória acadêmica, ocorreram falhas de grande parte dos professores de História da Universidade Federal da Fronteira Sul que não passaram atividades voltadas ao ensino (RIGO, 2014, p. 98).

Até o momento se demandou como a aproximação dos estudantes com os envolvidos no estágio contribuiria para apropriação de valores e aperfeiçoamento do desenvolvimento desse. No próximo subcapítulo desenvolveremos algumas reflexões sobre as contribuições que as diversas áreas da Educação podem vir a oferecer, de maneira significativa, para a formação de futuros docentes na Universidade Federal da Fronteira Sul.

3.2 O ESTÁGIO DE HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Até aqui foram mostrados aspectos que poderiam melhorar o desenvolvimento do estágio, bem como incentivar a formação de profissionais qualificados. A seguir com o intuito de compreender o estágio do curso de História desenvolvido na Educação Básica e a suas averiguações na universidade, seu desenvolvimento. Conforme o acadêmico aprecia a área que gostaria de seguir na carreira, como docente ou com o objetivo de outras opções. Efetivamente a posição do universitário é atribuída com seus deveres e direitos, na documentação que trata da prática do estágio na Instituição de Ensino Superior, do mesmo modo como está vinculado a sua elaboração.

Durante a formação em um curso de licenciatura, percebe-se a existência de diferentes espaços que podem vir a contribuir para a formação do futuro docente. Um desses espaços são as próprias monitorias, nas quais os acadêmicos atuam no auxílio dos docentes durante o desenvolvimento das CCR's. Tal contato possibilita a compreensão de alguns aspectos relacionados à docência, além de um contato mais direto com o professor de determinado CCR, contribuindo assim para a reflexão do ser e fazer docente.

Os alunos não estudam para ser somente professores do Ensino Básico, como também no Ensino Superior quando se identificam com a universidade e descobrem que querem atuar nela depois de se aperfeiçoarem. No entanto, a noção básica pode se iniciar ainda na graduação, com a integração do aluno às atividades do professor. Tendo-se respostas de aluno e professor diante do aprendizado, com construção da pesquisa e do conhecimento no presente através da prática. O que se caracteriza a partir de apontamentos como os que se vê a seguir.

Se aplica ao estágio supervisionado, espaço de aprendizagens significativas para a docência. A atuação do professor evoca atividades como instruir, compartilhar, construir, interagir e dialogar. O trabalho docente assume uma conotação experimental e a esse processo somam-se conhecimentos, competências e habilidades necessárias ao cumprimento de sua função e, ainda, a pesquisa, a formação continuada e a autonomia (MACIEL, 2012, p. 42).

O envolvimento das escolas com a universidade pode não ocorrer de maneira incisiva, com alunos que tiveram estágio com o professor universitários e docentes que acompanharam as suas intervenções em sala, não sabendo o que se passa no ensino superior. Como o que acontece na formação universitária está integrado ao ensino básico, e com os envolvidos na

formação do graduando, as metas que acadêmicos precisam atingir para passarem por esse componente curricular. Como capacitar e desenvolver a prática a partir das reflexões do universitário, com o que acredita ser agregador para o conhecimento histórico, dos seus alunos. Pimenta aponta que “É importante desenvolver nos alunos futuros professores habilidades para o conhecimento e a análise das escolas, bem como das comunidades onde se insere” (PIMENTA, 2012, p. 55). Questionar a sua atividade na docência proporciona o entendimento para explicações que buscam em cada marca que esta fase da graduação deixa.

É na prática docente que manifestarão elementos dos cursos de licenciatura, ao se questionar os aspectos constitutivos da formação docente como: marcas, atitudes, experiências, concepções, linguagem, regras, normas, emoções, posições, ditos, dilemas, contradições, saberes, rupturas, processos, teoria e prática (SANTOS, 2010, p.28).

É necessário, portanto, que a universidade proporcione aos professores da Educação Básica atividades no interior dos seus domínios, principalmente quando esses professores possuem um estagiário, pois assim eles estarão participando da instrução do acadêmico, apontando defeitos e qualidades, auxiliando no desenvolvimento dele como futuro professor. Além disso, seria importante que os professores da educação básica estivessem presentes nas reuniões e demandas do estágio estando, construindo sua formação, o ato da pesquisa e da formação continuada, agora não só mais de si, mas do universitário, que influência na sua carreira, um novo olhar sobre o que transmitir na sala de aula. Um envolvimento que se respalda na realidade a que estão envolvidos.

O Estágio Supervisionado curricular não pode ser entendido pelos alunos estagiários, pelos professores das escolas, ou ainda pelo professor responsável da disciplina, na qualidade de mero cumprimento de uma exigência curricular legal, desligado de sua realidade; ao contrário, deve ser pensado (e realizado!) tendo-se presente o papel social do aluno estagiário, o da universidade que o prepara, e o da instituição em que irá atuar depois de formado (SILVA, 2013, p. 93).

O professor da escola aprende com o universitário, pois este traz novas visões sobre questões da História que aquele ainda não vislumbrava, além de novos métodos e maneiras de dar aula que posteriormente vendo seus aspectos positivos, poderá usar. Conviver com outro professor é uma maneira de se identificar com o ensino e avaliar suas próprias metodologias que às vezes davam resultados positivos, podendo ser debatido, averiguado e divulgado, entre estudantes e professor como se melhorar as aulas. O que se tem no PPC como aspectos de atividade em relação ao professor da unidade escolar é;

(...) **Art. 19** Compete aos supervisores da Unidade Concedente do Estágio (UCE) Curricular Supervisionado:

I – Planejar juntamente com estagiário (s), orientador (es) e coordenador (es) as atividades de estágio;

II – Apresentar o campo ao acadêmico estagiário;

III - Acompanhar os estagiários em todas atividades desenvolvidas no local; (PPC, 2010, p 122).

O acadêmico conhecendo os enunciados que regem o estágio na instituição em que estuda, desde o início do curso, pode reivindicar oportunidades de desenvolvê-lo com os direitos e deveres que possui. Como o fato de o estágio poder ser realizado em dupla, depois de um pedido para tal em reunião do colegiado. Atividades em dupla constroem a troca de experiência, apoio e conhecimento;

(...) **Art. 9º** A realização do Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Graduação em História – Licenciatura é obrigatório e deverá ocorrer, preferencialmente, de forma individual.

Parágrafo único: A realização do Estágio Curricular Supervisionado não individual depende de decisão do respectivo Colegiado de Curso (PPC, 2010, p.118).

O medo de atuar tornar-se-ia menor se o discente tivesse um colega do lado para ajudá-lo na hora das incertezas, quando não soubesse uma resposta ou esquecesse-se de algum dado. No dia que o orientador viesse para assistir a aula, um ancoraria ao outro, colaborando no incentivo para que ambos passassem por essa etapa do curso. Assim sendo, estariam trocando ideias, lembrando fatos e aprendendo um com o outro.

O aprendizado do acadêmico vindo de áreas do ensino como opções diferentes no estágio é algo relevante, para a carreira do universitário. A prática na Educação para Jovens e Adultos, que em virtude de possuir uma vivência em sociedade maior, estão influídos a realidade social na comunidade de maneira mais incisiva, de modo a contribuir com os parâmetros sociais que possuem, provocando maior aplicabilidade do estagiário para construir suas aulas, sabendo das imposições que o conhecimento de vida dos alunos de mais idade os proporciona, construindo certamente debates com essa experiência em consequência de sua vivência com a realidade que os cercam.

No estágio mobiliza-se o desenvolvimento da aprendizagem, pois é necessário estudar e ensinar aquilo que se vê na teoria, utilizando-se das metodologias aprendidas no ensino superior. O que se aprendeu com o professor aprimora-se para ser refletido com os alunos na escola, o estágio desenvolve-se para além da burocracia.

Pimenta e Lima (2004), ao refletirem sobre o estágio supervisionado, a aproximação da realidade só tem sentido quando há envolvimento, intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocráticos, carregados de fichas de observação é míope, o que mostra a necessidade de aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam (SILVA, 2013, p.81).

Segundo Ferreira e Andrade (2012), ensinar é decodificar o conhecimento alheio, ir além do que se espera, e estagiar traz aos alunos novos conhecimentos, vivências, modos de interação, diante do professor e colegas. No estágio, há um diálogo entre duas instituições que se complementam para a formação do acadêmico. “Ao ingressar na atividade docente como estagiário, o estudante deve ser estimulado a ter uma posição crítica sobre as duas instituições envolvidas nesse processo: a universidade e a organização conveniada” (FERREIRA; ANDRADE, 2012, p. 32). Devendo contribuir para observar e estabelecer um contato crítico sobre a sua formação e atuação como docente, estipulando uma análise das instituições em que está inserido.

A participação nas decisões sobre como se estabelece o ensino seria uma oportunidade de interação e envolvimento entre os docentes. “Ocorre uma ‘pseudoparticipação’, isto é, promove-se a participação dos professores na realização apenas das tarefas específicas do trabalho, e não nas esferas de definição das políticas da instituição” (PAIM, 2005, p. 111). Não receber somente delegações e atividades burocráticas que desestimulam, perpetuar-se como agente que opina sobre a sua própria atividade. Nesse sentido, Paim lembra que “A reflexão está relacionada com a capacidade intelectual dos professores ao enfrentarem situações incertas e desconhecidas, como elaboram e modificam rotinas” (PAIM, 2005, p. 124). Os alunos e professores podem interagir para melhorar o PPC e as atividades do estágio e da sala de aula.

Existe uma necessidade de se articular o ensino que se tem nas salas da universidade, para com o que se ensina na sala de aula das escolas. O universitário poderia se aprimorar na Instituição de Ensino Superior a partir das áreas que gostaria de seguir, se aprimorando mais em educação, pesquisa, entre outros. São maneiras de se ver e expressar os conteúdos diferentes, e a universidade poderia estabelecer um contato para o aprendizado do aluno em relação ao que ele aprende e como pode trabalhar com os conteúdos, temas e conceitos fundantes.

Em face ao destino que as licenciaturas estão tomando, exige-se dos cursos de formação que rediscutam a sua proposta. É preciso compreender a dinamicidade entre as disciplinas específicas e as de cunho formativo (docência). Desse modo, a organização curricular, para permitir esse entrelaçamento, requer uma análise que,

diante da proposta apresentada, contribuirá ou não, para o redirecionamento da formação (SANTOS, 2010, p. 80).

O ensino escolar é algo que precisa ser dinâmico, e a orientação vinda da instituição poderia ser modificada para que isso acontecesse, pois é necessário pensar na reformulação das práticas e dos documentos que argumentam sobre o ensino na universidade. Para tal, acredita-se que propor mudanças confirma um senso de crítica e melhoramento do que se nota que não está “contribuindo”, ou que está faltando algo para se alcançar melhores condições e resultados na graduação.

Outro ponto que acreditamos que poderia diminuir o nervosismo do estagiário é o professor orientador e estágio avisar o dia em que poderia ir ver a aula, com isso o aluno se prepararia tendo noção de que ele estará ali para avaliá-lo. A pressão aumenta, ou o aluno cria mais coragem de se apresentar diante da turma, sabendo e dialogando com seu professor em sala. Além disso, acreditamos que reuniões a cada 15 dias auxiliariam a preparação e andamento dos estagiários, sem obrigação de todos participarem, os que quisessem aprofundar ou apresentar o que vivenciam.

A partir das reflexões desenvolvidas até o momento, defendemos que é preciso repensar a forma de composição do estágio dentro da Universidade Federal da Fronteira Sul, especialmente no curso de licenciatura em História, pois existem atribuições dentro do PPC que não se efetivam, formulações acerca dos direitos e deveres do estagiário, por exemplo.

Além disso, defendemos que é de fundamental importância desenvolver aulas (reuniões) que retratem o que o acadêmico passa no estágio, pois ele precisa estar engajado na universidade ao mesmo tempo em que ela precisa oferecer condições para o melhoramento na formação do futuro professor. Nesses termos, constata-se a necessidade de refletir sobre o PPC e construí-lo em conjunto com professores e acadêmicos, a partir do que vivenciam e entendem que poderia melhorar ou continuar. Outro ponto importante diz respeito acerca da questão do orientador, de suas funções e demandar e de como aconteceria a escolha deste.

Em resumo, nesse capítulo discutimos sobre as atribuições do orientador de estágio, do coordenador e dos professores da instituição escolar. Além disso, oferecemos ideias para o desenvolvimento dessa atividade, e formação do acadêmico em licenciatura, ao mesmo tempo em que avaliamos e refletimos algumas questões dentro do PPC a serem melhoradas ou modificadas para se conquistar resultados significativos no curso de graduação, no nível de ensino das escolas engajadas, bem como na Universidade Federal da Fronteira Sul.

No próximo capítulo será demandado como é o estágio efetivamente, a partir da experiência em sala de aula. Refletiremos sobre as demandas vivenciadas, trabalhos, rotina escolar e problemas com a organização das aulas, bem como as soluções encontradas. Acreditamos que a memória do que se vive em sala de aula é um momento de percepção das primeiras experiências de um professor.

4 A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Neste capítulo pretende-se desenvolver uma análise dos estágios para o Ensino Fundamental. Parte-se de reflexões frutos de questões visualizadas durante a prática da autora para elucidar verificações do que acontece em sala de aula. Alguns temas trabalhados no sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental são expostos, com um breve panorama de como desenvolvê-los pela experiência que se teve durante a prática. Por fim, discute-se as aspirações e inspirações na escola e desenvolvimento e aprendizado durante o estágio supervisionado no Ensino Fundamental.

Quando se pensa em como serão as aulas de estágio, o estudante universitário passa a conviver com as incertezas sobre como executar essa atividade que configura-se como um componente curricular responsável por proporcionar a primeira experiência na profissão. Esse momento é carregado de inseguranças sobre o modo de desenvolver a atividade docente. Mesmo que o acadêmico que já tenha vivenciado experiências distintas em programas de iniciação à docência pode sofrer nos primeiros momentos. Uma das possibilidades de vivência docente anterior ao estágio é o Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no qual se vivencia a experiência do ensino com o auxílio de um subcoordenador, coordenador e de universitários de diferentes fases do curso vinculado ao programa (o curso de História, na Universidade Federal da Fronteira Sul, tem um subprojeto com 25 bolsistas, três subcoordenadores e dois coordenadores), contribuindo para o seu desenvolvimento e aproximando aos acadêmicos engajados pelo aprendizado que é compreendido a partir de um trabalho em grupo.

Os projetos como o anteriormente citado auxiliam aos alunos e contribuem para a sua formação, porém a experiência concreta com a sala de aula – que incluem os alunos, os planos de aula, a verificação do avanço ou não no conteúdo, além do desenvolvimento da sua função profissional - ocorre de maneira concisa durante o período de estágio. Visto que é o primeiro contato da maioria dos universitários com os alunos em sala de aula, admitindo que aconteça a partir dali, o início da prática do universitário, bem como geralmente acontecendo em duas turmas, do mesmo modo que no curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

A angústia antes de começar essa etapa do curso é tangente e vários momentos de incerteza são comuns, “o estagiário pode esbarrar no contexto, em situações de desgaste, cansaço e desilusão dos profissionais da educação, nas condições objetivas das escolas, muitas vezes invadidas por problemas sociais, cuja solução está longe de sua área de atuação”

(PIMENTA, 2012, p. 65). Encontrar problemas sociais dentro da sala de aula pela experiência do que os estudantes vivem na sociedade pode ser uma barreira que o professor precise argumentar, ou uma contribuição para o aprendizado do aluno que estuda o que conhece, expõe, crítica e se desenvolve diante da sua percepção. Dessa forma, está ganhando uma oportunidade de se desenvolver e mudar o pensamento e ações que a sociedade impõe.

Discutir o estágio supervisionado, enfatizando as reflexões sobre a disciplina como espaço de formação e de construção de saberes para ensinar na sala de aula, é uma discussão necessária, complexa, interessante e que deve conduzir a uma análise e uma reflexão de como são construídos e mobilizados estes saberes no contexto de sala de aula. (SILVA, 2013, p. 56).

Ter contato com a escola faz diferença para se adequar ao novo ritmo, executando as tarefas como professor, pois no momento do estágio não se é o aluno que está a aprender na universidade. Além disso, convive-se com novos rostos e realidades que instigam sua preparação, porque eles são alunos, assim como o estagiário, aprendizes e em constante evolução. O universitário até então acostumado a ocupar a posição de aluno na sala de aula, com professores que acompanhava, percebe que a função de ser professor é agora sua. Dito de outra forma, pertence-lhe a responsabilidade pelos alunos e por abordar o que esses aprenderiam na História, sabendo-se que é preciso integrar vários aspectos. “Os alunos deverão ser capazes de: Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas e políticas reconhecendo diferenças e semelhanças entre eles” (FONSECA, 2003, p. 32). É preciso compreender e respeitar as condições e desenvolvimento da sociedade, mas saber defrontar questionamentos e intenções, além de não estar preso aos padrões impostos e conviver com as situações de maneira pacífica.

A construção das aulas e o seu desenvolvimento, pode estar influenciado pelo tema que se estuda, verificando ocasiões para os alunos de mais de uma posição e possibilidades diante do ensino, desestruturando os pensamentos. “Desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e sociedade” (PIMENTA, 2012, p. 34). Dessa forma, opta-se por dar sequência ao que já vinham estudando para o aluno da educação básica não ficar confuso com as novas condições que o estagiário proporciona. Dessa forma, está se colaborando para o conhecimento, buscando defrontar os temas trabalhados com a realidade social da turma.

Problematizar sobre os temas é uma constante durante as aulas planejadas de acordo como se verifica o progresso das turmas. “O professor, ao diversificar as fontes e dinamizar a

prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica” (FONSECA, 2003, p. 37). E, por várias vezes, o que se planeja para as aulas é remodelado, pois percebe-se em algumas situações que é muito assunto e pouca eficiência em se gerar um conhecimento histórico. Não adianta só abordar conteúdo, sem o intercalá-lo com a atualidade e com a vida dos estudantes.

A experiência docente, apesar de todos os momentos de dificuldades, é gratificante. E como na História as lembranças são marcas de memória e de autodescrição, constrói-se a recordação do que se passou diante das primeiras experiências como docente.

Para algumas pessoas reviver suas memórias pode se tornar um verdadeiro desafio, já que temos que voltar no passado, resgatar nossas lembranças e experiências vivenciadas, fazendo um exercício contínuo e sistemático de escrever a própria história, revivendo o percurso de vida e refletindo sobre ela. Esse é um exercício de autoconhecimento de reflexão sobre si mesmo e este exercício pode ser prazeroso ou não, pode trazer alegrias, provocar sorrisos, dor, tristeza, voltar ao passado em busca de recordações de sentimentos guardados na memória que para muitos nem sempre é algo fácil de realizar (SILVA, 2013, p. 42).

Na universidade não ocorrem conversas sobre o que acontece no estágio, uma dos componentes curriculares mais importantes, quiçá a mais importante do curso. “O estágio é uma troca de experiências, uma oportunidade de conhecer outras formas de trabalho e também repensar suas posturas diante da própria sala” (FELÍCIO, 2008, p. 227). A identificação com a profissão docente está imbricada aos profissionais da área, e é preciso defender os seus ideais, a experiência é um aprendizado que tem a capacidade de se reproduzir, assim como afirma Faria (2007);

Considero que o processo no qual passei como estagiária, no momento anterior a esta primeira substituição, foi de suma importância, porque na Universidade não aprendemos o cotidiano da sala de aula, de como lidar com sua organização, de correção, destes detalhezinhos que fazem toda a diferença no contexto da sala e que pode ser consequência de grande desestrutura para o trabalho do professor neste espaço (FARIA, 2007, p.29 e 30).

Ser professor não é somente senta-se em uma cadeira na universidade e sair formado, ser professor é planejar aulas, desenvolver métodos, dar-se conta de que nem tudo pode dar certo na sua aula e ter de modificá-las. É se deparar com uma escola a cada ano no Estado de Santa Catarina onde a maioria são ACT's. Atuar como docente é se arrepender no início de cada dia por ter escolhido essa profissão, e sair da aula querendo voltar para o que ama que é

dar aula e estar transmitindo o conhecimento histórico, ensinando e aprendendo, aliando a teoria e a prática, com tudo que se pode abordar.

A história como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. Requer assumir o ofício do professor de história como uma forma de luta política e cultural. A relação ensino – aprendizagem deve ser um convite e um desafio para os alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre as diferentes culturas e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história, a arte e a vida (FONSECA, 2003, p. 37-38).

O professor está continuamente vinculado a sua profissão e a elaboração das suas aulas pode ser pensada a partir das mais variadas situações que nota na sociedade. Exemplo: ao ver uma notícia na televisão, ou escutar alguma informação no rádio, ou em conversa com vizinhos e amigos, o professor pode retirar ideias para suas aulas. E com o estagiário isso é mais constante ainda, pois há a insegurança e falta de experiência que se relacionam a uma vontade de ensinar e, em alguns casos, de “revolucionar” as aulas no princípio. Há ainda uma vontade de interagir e de se ver como professor atuante e pertencente ao ensino e, mais do que tudo, à História.

Percebemos, em nossa própria ação docente, a necessidade de mobilizar diversos saberes para que a aula tenha êxito. Planejamos, organizamos o conteúdo, estudamos este conteúdo, selecionamos exemplos práticos para favorecer a compreensão acerca da matéria, arregimentamos textos e vídeos que ampliem as descobertas, resgatamos conhecimentos prévios dos alunos com questionamentos no início de cada aula. Além disso, sentimos a necessidade de construir vínculos afetivos com a turma, nos aproximando dos alunos e incentivando-os a pensar, questionar, participar (MACIEL, 2012, p. 49).

Escrever sobre a experiência de estágio é um desafio, porque parte-se da necessidade de apontar o que, muitas vezes, não se quer lembrar. Além disso, é preciso ter em mente que “No memorial, o autor é, ao mesmo tempo, escritor, narrador e personagem da história. É o protagonista. A vivência do duplo papel de ator e investigador da própria vida favorece, ao narrador, consciência de si e de suas aprendizagens” (MACIEL, 2012, p. 25). Sabe-se que é difícil ser a voz da História, ser sua própria fonte, e inspiração. Além do mais apropriar a sua posição como quem conviveu com o ensino de história, desde a universidade, assim sendo possui condições de desenvolver conhecimento nos estudantes crescendo intelectualmente.

Até o momento se viram os aspectos de como o projeto das aulas no estágio pode ser desenvolvido, de maneira a não confundir e nem prejudicar aos alunos da educação básica,

que vão também participar da essa experiência. Além disso, refletiu-se acerca da matéria de História e suas várias alternativas para conhecer e compor a experiência em sala. No próximo subcapítulo se analisará algumas perspectivas na intervenção em sala de aula.

4.1 A INTERVENÇÃO DURANTE O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Anteriormente foram enaltecidos aspectos dos planos a se desenvolver em sala. Neste subcapítulo, buscar-se-á retratar os modos de produzir e as maneiras de se organizar alguns conteúdos para serem trabalhados no Ensino Fundamental. Propõe-se também a problematização do que pode ou não influenciar nesse processo que tenciona e desenvolver nos alunos a criticidade diante do presente e da História.

O início da atuação em sala de aula é permeado pelas várias abordagens e ocasiões que o professor iniciante é obrigado a conviver. Logo percebe que cada turma possui suas próprias características e maneiras de se organizar, como gostar de sentar perto uns dos outros, conversar, fazer atividades em grupo, não gostar de copiar do quadro, apreciar atividades com o uso de materiais, como produção de cartazes, ou desenhos e atividades mais lúdicas.

Além disso, percebe que os alunos podem ser criativos, participativos e bagunceiros, sendo que alguns poderiam contribuir mais com os professores para a aula fluir melhor. Apesar dos momentos indesejados, pode-se dizer que as turmas têm o seu próprio modo de participar, e essa participação vem para contribuir com a função que em alguns momentos é posta somente a cargo do professor. “Parte-se de uma concepção de que a escola é o espaço de divulgação social dos conhecimentos científicos e que o professor é o responsável por adequar e facilitar a apropriação desses pelos alunos” (ROSSATO, 2011, p. 83). Ou ainda como descreve, “além de conteúdos, devem ser desenvolvidas habilidades cognitivas que visem possibilitar que os indivíduos possam conhecer e explicar o mundo a partir das ferramentas próprias do conhecimento histórico” (ROSSATO, 2011, p. 90).

Às vezes. Involuntariamente, argumentam-se pontos interessantes a partir de uma piada que os alunos tentam fazer durante a aula, não há motivos para se enfurecer com isso. Quanto mais participação, mais envolvimento, e os alunos e o professor (a) se desenvolvem e aprendem uns com os outros, a partir dos problemas desenvolvidos em aula.

O ensino é mais uma atividade prática do que uma atividade técnica, já que implica situações complexas e problemáticas, frente às quais o professor deve elaborar

critérios racionais de compreensão, bem como propostas argumentadas para definir seus fins gerais, em projetos concretos de intervenção em cada situação específica (PAIM, 2005, p. 125).

Nem sempre as aulas acontecem como o professor planeja, seja por conversa ou como consequência da não vontade em fazer atividades por parte de alguns alunos. Em alguns momentos, precisa-se chamar atenção dos estudantes para que as atividades planejadas possam acontecer como inicialmente pensando, considerando inclusive o tempo. Em decorrência disso, “As situações de ensino, por um lado, são incertas, únicas, variáveis, complexas e portadoras de conflitos de valores na definição das metas e na seleção dos meios” (PAIM, 2005, p. 109).

Por outro lado, mesmo que no geral as turmas se apresentem como verdadeiros desafios ao estagiário, elas podem também ser uma surpresa no que se refere à participação e ao engajamento, pois quando elas estão motivadas e unidas, é normal que haja alunos que ajudem aos outros em atividades atrasadas, construindo uma verdadeira rede de desenvolvimento coletivo e participação contínua.

Não obstante, não há como negar que também se encontraram os bagunceiros, extrovertidos, conversadores, ao mesmo tempo em que se perceberam alunos dedicados, carinhosos, simpáticos e dispostos para as aulas. No entanto, mesmo com suas diferenças, os dois grupos quando se sentiram à vontade, interrogaram, participaram e demonstraram que a História era entendida por eles.

Quando se pensam em aulas para o 7º ano uma das possibilidades do currículo escolar pode ser a colonização do Brasil, pode-se analisar como se desenvolveu a interação entre europeus e indígenas e as modificações que ocorreram com a colonização, além de propor debates em torno do assunto. É possível também trazer aspectos sociais que façam os estudantes pensar sobre esse passado vivido.

As diferenças na forma de olhar para os professores estão vinculadas diretamente às formas de perceber o papel social da docência. O professor como agente social é formado para trabalhar numa perspectiva de manutenção da ordem estabelecida ou de mudança e construção de um mundo melhor (PAIM, 2005, p. 96).

É possível também trabalhar com alguns aspectos referentes à colonização do Brasil, enaltecendo o papel do nativo como o verdadeiro dono dessas terras, e refletindo como a influência do português transformou o território que ainda não era explorado, e sim utilizado

para a sobrevivência dos povos indígenas espalhados por todas as extensões de terra do país. Além disso, é possível desenvolver reflexões acerca dos aspectos culturais que acompanharam o contato desses dois povos, não se esquecendo da destruição que foi cometida pelo português, motivada por sua vontade única de riquezas.

Outro ponto interessante que pode ser abordado é as transformações desde a chegada dos portugueses, em 1500, até a atualidade, verificando como está organizado o Brasil em torno das questões indígenas, lembrando-se de aspectos importantes como a cultura dos indígenas que habitavam a região sul. Com argumentos e dados sobre os *Kaingang* e suas tradições, dos 1500 até a atualidade e como seria o Brasil visto pelo estrangeiro, a discussão sobre atualidade pode ser lembrada a partir de Bittencourt (2009);

Os critérios de seleção precisam obedecer às problemáticas do presente, condição que requer um estudo atento sobre o Brasil atual. O conhecimento sobre o Brasil atual exige o domínio da História do presente, ou o entendimento do presente como História, e dos métodos de abordá-la. A identificação dos problemas vividos ou próximos dos alunos torna possível estabelecer os objetos de estudo significativos que ordenarão os conteúdos a serem trabalhados, tanto no tempo como no espaço (BITTENCOURT, 2009, p. 201).

Dessa forma, compreende-se que não adiantaria somente se estudar o passado sem considerar que vivemos o presente. Incluindo nesse presente aspectos do passado, como também se denotam argumentos, que por seguinte elucidam as concepções históricas. Por isso assim como elucidam Santos (2010);

A preocupação seria desenvolver em cada conteúdo valores nos quais o educando tivesse acesso ao conhecimento do passado, domínio do presente e visão do futuro, contribuindo para a construção de identidades capazes de suportar as inquietações, de conviver com o incerto e com o diferente. Ainda em relação a esse princípio, tem-se a política da igualdade. O saber conviver agregado, aqui, à pluralidade cultural, edificado através do respeito aos seus pares e à comunidade. O conteúdo atitudinal se apresenta nesse contexto. Para complementar esse princípio, tem-se a ética da identidade, constituída a partir da estética e da política, e não pela negação destas (SANTOS, 2010, p. 20).

Vivemos em uma nação inconscientemente preconceituosa e alheia às influências dos nativos em nossa sociedade, uma nação que a todo custo busca ignorar como o “desenvolvimento” deixou marcas profundas de destruição nesses povos. Por isso, visualizar com os alunos a cultura modificada pela influência dos colonizadores é tão importante. Nas aulas busca-se geralmente a interação com a turma, dando suas opiniões, com o diálogo apontando a compreensão do que veem diante das causas e trabalho estudado.

O aluno-estagiário não cumpre simplesmente uma exigência do curso, mas contribui para uma aula diversificada, além de, posteriormente, olhar para as suas experiências e delas constituir sua identidade. É a partir dessas primeiras sensações que ele poderá tomará gosto pela profissão e motivar-se-á a buscar, sempre, alternativas de melhorias em sala de aula (JANUARIO, 2008, p.5).

Outra demanda que se busca introduzir no estágio é como utilizar os mecanismos didáticos para chamar a atenção dos alunos. Dessa forma, os filmes com uma narrativa, um cenário e textos para retratar uma realidade social, podem ser uma alternativa quem argumenta diante disso é Feijó e Machado (2014);

O diferencial das películas é que proporcionam um contato maior com os conteúdos vistos em aula. O aluno se identifica com o filme, porque já obtém os conhecimentos mínimos necessários para compreendê-lo, o que o instiga o interesse para saber mais. Além disso, nas produções cinematográficas, o historicamente inconcebível se torna real (FEIJÓ; MACHADO, 2014, p.63).

O estágio traz consigo ideias e experiências novas, ocasiões pelas quais o estudante universitário não havia passado, que repercutem no surgimento de medos, angústias e tristezas até mesmo na hora de pensar em como organizar as aulas que serão ministradas. Esses momentos de insegurança são permeados por outros de consciência, como apontam Felício & Oliveira (2008);

Considera a prática educativa enquanto interação que privilegia o desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com coisas e nem com objetos, mas com seus semelhantes dotados, também de liberdade (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008, p. 220).

A liberdade para falar, argumentar e expor a opinião efetua-se como uma das principais motivações durante a aula. Uma interação entre a turma e a professora é estabelecida o a partir do conhecimento Histórico. “Considera-se que é essencial ter uma percepção de que os conhecimentos são relativos, não existindo uma verdade absoluta, e que esses conhecimentos estão em constante movimento” (SANTOS, 2010, p. 45).

Por mais que estejamos diante de uma sociedade capitalista, voltada para o trabalho e consumo, esquecendo-se de situações de envolvimento social, com escolas que estão entrelaçadas a esta realidade, com ensino a partir dessas bases. Ressalta-se com este conteúdo a valorização do social assim como era visto na sociedade indígena, tendo-se noção de que nem todos os índios se acertavam, e situações de guerra aconteciam (canibalismo). Porém efetivamente agindo com o desenvolvimento social, importa salientar que é identificado a partir do convívio, contrariamente ao consumismo e domínio pelo trabalho.

Nesses termos, é preciso verificar-se diante da sociedade para depois compreendê-la, sendo que as aulas se desenvolvem pela apreciação do assunto com o qual o docente se identifica, com suas ideias de conteúdos que poderiam ser passados a turma, e por meios de visualizar alguns pontos que geralmente não são vistos em sala de aula. Deste modo pensar, deduzir e criticar em particular a cultura e exploração do território, possivelmente com visões distintas pelos alunos, de modo que interajam para a propagação de suas ideias e conhecimento. “Tem prevalecido a ideia de que esses grupos populacionais não possuem História e, nessa perspectiva, se torna difícil compreender, ainda hoje, que a História deles faz parte da História do Brasil”(BITTENCOURT, 2009, p. 199).

É preciso refletir o que vai se ensinar, bem como os aspectos que chamem atenção dos alunos, buscando concluir com uma discussão abrangente, não restringindo a criticidade do aluno e professor. Ou seja, é preciso se refletir constantemente sobre a atuação, como menciona Mello e Lindner (2012);

Vislumbra uma saída a partir do ensino prático-reflexivo, que pressupõe diálogo, permeado pela reflexão-na-ação, ou seja, dos professores pensarem o que fazem enquanto fazem. O profissional reflexivo constrói de forma idiossincrática o seu próprio conhecimento profissional, o qual incorpora e transcende o conhecimento emergente da racionalidade técnica (MELLO; LIDNER, 2012, p.6).

Outro fator importante é lembrar-se de se trabalhar questões referentes à região, para se notar que não precisamos somente lembrar o índio que foi explorado em Salvador na chegada do português, quando se fala em colonização. Eles não eram a única tribo no Brasil, elas não se encontravam somente no litoral. No sul, por exemplo, tem-se a presença dos *Kaingang*, que carregam suas peculiaridades referentes às tradições, cultura, crenças e modo de viver. “O estudo da história das populações indígenas deve partir dos grupos existentes no presente ou que já viveram na região, para conhecer as singularidades históricas de cada grupo nativo e evitar a generalização “índios” (BITTENCOURT, 2009, p 202). Com tais reflexões, busca-se mostrar aos alunos que a presença indígena também ocorria, e ocorre, na sua própria região, além de leva-los a questionar e refletir acerca dos direitos que foram negados a esses povos.

Durante as aulas se defronta e analisa-se o modo como vivemos. “Os estudos do Brasil devem contemplar a história local e regional articulada à nacional, situação que requer uma compreensão sobre micro-história e seus fundamentos teóricos” (BITTENCOURT, 2009, p. 201). Pode-se argumentar sobre o que se apura como pertencente ao Brasil. “A identidade nacional se constituía pela apreensão de um Brasil pertencente ao mundo civilizado europeu, de acordo com os valores racistas que colocavam (ou ainda colocam) o branco como

superior” (BITTENCOURT, 2009, p. 194). Diante disso, o aluno pode concluir e problematizar averiguações sobre o pensamento europeu e do colonizador que, infelizmente, repercutem até os dias de hoje. Quando se defrontam tais situações, verifica-se o seu presente que pode ser uma identificação no futuro.

Nosso aluno, cada aluno tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos... Ele é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica. Porém dentro de seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social do seu tempo... o verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica” (PINSKY & PINSKY, 2010, p. 28).

Os alunos precisam se posicionar a partir do conhecimento que possuem sobre o que é falado e o que observam no Brasil atualmente, precisam recriar aspectos do nosso país, entendendo a História baseada na realidade. Para tal intento, “documentos deixados por viajantes e cronistas podem ser analisados em sala de aula, levando-se em conta a posição social, os interesses e as visões de mundo- fatalmente enviesadas e, por vezes, preconceituosas – de seus autores” (PINSKY; PINSKY, 2010, p. 33).

Nem sempre as aulas serão somente de silêncio e dedicação, pois acontecem momentos em que a turma deixará a desejar no sentido de organização do espaço da sala. Além disso, os alunos podem gostar de conversar entre si, o que repercute na necessidade de uma chamada de atenção na turma. “O processo de ensino deve ser entendido como uma prática social dia a dia da instituição educativa, neste caso, sala de aula- *locus* dos professores. O ensino é um processo de trabalho, é um processo em movimento” (FERREIRA; ANDRADE, 2012, p. 39). É preciso considerar também que a cada dia um novo apontamento surge, uma influência emerge diante dos temas, algo gera dúvidas, e alunos e professor debatem para se encontrar dentro dos temas da História.

O docente que consegue compreender como se dá o processo de aprendizagem do aluno têm maior possibilidade de alcançar seus objetivos. Para que estes objetivos sejam contemplados, é importante que se faça uma adequação entre os procedimentos de ensino e de aprendizagem, com vista à obtenção de respostas mais significativas (SANTOS, 2010, p. 77).

Aulas nas quais os alunos tiram qualquer dúvida, sem medo de questionar, e que gostam

de argumentar sobre o que se vê na atualidade, que vem a partir do passado fazendo um reconhecimento do que vivenciam em sociedade. Quando trabalhadas as festas no Império, podem-se trazer argumentos sobre o carnaval da atualidade e até de festas significativas e com influência em outros países, criando-se assim uma verdadeira verificação da realidade.

O aluno a partir do ensino compreende o seu papel como pertencente a uma História, agindo como crítico, como apontava Caimi (2007), “contribuir para fazer da aula um espaço de curiosidade, envolvimento, questionamento, dúvida, enfim, de efetivo interesse pelo conhecimento” (CAIMI, 2007, p.23). Estimular atividades onde eles se envolvam. “O saber deve tornar-se uma busca conjunta, uma procura constante de um objeto de conhecimento comum, visto como inacabado, gerador do diálogo e da confrontação de perguntas e também de respostas” (SANTOS, 2010, p. 67).

Um dos vários temas do currículo escolar, que podem ser estudados no oitavo ano do Ensino Fundamental é o Império no Brasil e as revoltas que marcaram esse período. Dessa forma, é necessário apresentar os aspectos que ocorriam no período de 1800, alternativamente arremetem ao que temos na atualidade, como, aspectos da escravidão no século XXI em território brasileiro. Deste modo o homem como a gente político é um provável detentor de criticidade conforme arremete Bittencourt (2009);

O objetivo da História escolar tem sido o de entender as organizações das sociedades em seus processos de mudanças e permanências ao longo do tempo, e nesse processo, emerge o homem político, o agente da transformação entendido não somente como um indivíduo, mas também como sujeito coletivo: uma sociedade, um estado, uma nação, um povo (BITTENCOURT, 2009, p. 186).

Um dos pontos a serem debatidos é política durante o Império e como transcorreu por esses anos de agitação, desestabilidade e tentativas de mudança social, e de cunho reformista. A História é formada por momentos de ruptura e tentativa de tomada de poder, ao longo da mesma. “A prática da pesquisa auxilia na construção de situações de ensino numa perspectiva mais emancipatória e menos praticista” (SANTOS, 2010, p. 53). É necessário que o estagiário se prepare para transmitir as situações com os temas, e não fugir demais do conteúdo planejado, pesquisar e incentivar a pesquisa por parte dos alunos, além de estimulá-los para que ajam como agentes históricos, interagindo nas aulas e os aproximando da História.

A aula seria um meio de incentivar o debate e a crítica diante de situações que vemos até hoje. A política é algo abrangente na atualidade, por isso é importante socializar e instigar a criatividade a partir de trabalhos simples, como histórias em quadrinhos, entre outros meios didáticos que enalteçam sua opinião os façam produzirem a partir de algo que gostem. Não se

devem descartar os fatos passados, já que a História é um trabalho investigativo e que pode trazer fatos e dados que surpreendem. “Todo trabalho de investigação tem sempre hipóteses preconcebidas, e não raro, acompanhadas do desejo de superá-las. Mas ainda que se tenha um resultado esperado, quase sempre somos surpreendidos por aspectos não deduzidos anteriormente” (SCHAFFRATH, 2006, p. 5). Investigar é trazer à tona o que o passado nos deixou de traços, de perspectivas, de emoções e experiências para verificação das problemáticas.

A partir do Império os alunos possivelmente entendem as circunstâncias, por que do mesmo modo que os fatos nos momentos de revolta, indignação, ruptura, igualmente acontecem, grupos isolados podem estar buscando situações como estas, e as concepções por uma “liberdade” é transcorrente. Quando se fala na escravidão, no Período Regencial esteve naturalmente presente, e foi um dos alvos de julgamento do governo da época. Hoje a escravidão é proibida, mas ainda acontece e conseqüentemente com marcas que vão perdurar por longo tempo.

Os dados são possíveis através da pesquisa e compreensão do tempo. No estágio a prática vai demonstrar como articular fatos, compreender o passado e transmitir aos alunos o conteúdo. Para saber articular no ensino escolar, também se vê tal indicação em Schaffrath (2006);

É preciso que a pesquisa seja um processo incorporado pelo Estágio que compreende a prática articulada com a teoria, e mais, que os processos teórico-práticos vivenciados pela escola se transformem em produtos/processos das pesquisas científicas sobre o cotidiano escolar (SCHAFFRATH, 2006, p.2).

Com efeito, a pesquisa é um meio de estímulo para o debate em sala de aula, ressalta-se que o professor e alunos vivenciam a matéria e escola. Encontrando no estudo averiguações atuais em consequência de fatos do passado, e que podem ser evidenciados com o estudo histórico, entre outros como passaram a existir datas comemorativas, situações que vem do passado e continuam se configurando no presente, tendo como exemplo o Sete de Setembro feriado nacional.

Motivar o aluno a identificar-se diante da História, além de pensar sobre o que aconteceu ajuda-o a analisar o que ocorreu e comparar com seu tempo, como elucida Baron (2011), “o pensamento histórico teria seu sentido embasado, inconscientemente, no passado que se oferece ao presente, de modo ativo, na vida prática” (BARON, 2011, p.4). Situações não ocorrem somente no presente, se desenvolvem, modificam, mas concretizam-se a partir

da História.

Devido a contratempos, o estágio pode passar por momentos turbulentos. As aulas podem ter de ser modificadas para que façam sentido, sendo compreendidas pelos estudantes. Quando estamos no processo de planejar, é natural que não verifiquemos tudo o que tem de ser analisado em aula, além de às vezes criarmos momentos desnecessários e que depois percebemos que podem ser retirados dos planos.

Ao estagiar, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem. Com isso faz uma nova leitura do ambiente (escola, sala de aula, comunidade), procurando meios para intervir positivamente (JANUARIO, 2008, p. 3).

Apesar de todos os momentos de instabilidade e de novas informações que podem influenciar e atrasar o estágio, esta tarefa torna-se gratificante, mesmo com os desafios e barreiras postas. Cativa-se a buscar compreender o que é possível ser repassado em aula, e não ter ideias mirabolantes antes de começar atuar nele.

Até o momento apontaram-se as maneiras de se desenvolver com conteúdos relativos ao Ensino Fundamental, ou seja, como organizá-los dentro das turmas para se desenvolver aulas significativas para alunos e professor. Além disso, demandou-se acerca de alguns possíveis desdobramentos das aulas, com seus modos próprios, e aspectos sobre a escolha de temas para estas. O próximo subcapítulo expõe alguns questionamentos sobre momentos que ficam guardados, situações que dão certo nas aulas e os momentos difíceis que deixam uma lição para a maneira de atuar.

4.2 AS MARCAS DEIXADAS PELO ESTÁGIO

Anteriormente foram analisadas situações que ocorrem no estágio, como se desenvolver as aulas, considerando os conteúdos e métodos que podem ser trabalhados. Nesta parte do capítulo serão enaltecidos alguns questionamentos e verificações sobre o que acontece no estágio. Situações boas e algumas difíceis que fazem o docente sentir e passar pelos desafios da profissão.

O material didático utilizado pode ser uma escolha significativa do estagiário e que conduzirá o andamento e a maneira que se desenvolverão as várias concepções a partir da História. Dessa forma, pode-se utilizar ou não do livro didático na elaboração das aulas.

Constata-se que o desenvolvimento das aulas com liberdade de escolher os assuntos e metodologia com que se trabalha podem construir melhores planejamentos, e reprodução do que se demanda em sala de aula.

Uma formação em que se destaca o valor da prática reflexiva como elemento de análise e de reflexão do professor. O termo reflexão é abordado como condição essencial à formação crítica do professor e com um novo objetivo para a formação docente. O ensino reflexivo e os professores reflexivos nos remetem a perceber que apesar de algumas atitudes e predisposições pessoais dos professores, existem destrezas ou habilidades que os docentes devem dominar para concretizar esse modelo de ensino. O conhecimento e o domínio do saber ser e do saber fazer docente são fundamentais para que os professores possam ensinar e contribuir para a formação daqueles que estão em fase inicial de construção de conhecimentos (SILVA, 2013, p. 65).

Busca-se com a História se entender o que aconteceu no tempo ou como expõe Cerri (2010) “O ensino de história pode ser definido como a interferência de caráter de desenvolvimento cognitivo, capaz de ajudar o aluno a abrir novas portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo” (CERRI, 2010, p.270). Como ser pensante, os alunos precisam compreender o que ocorre em seu tempo, comparando com o passado e com as mudanças e permanências desse, sendo o exercício da imaginação importante, pois assim dialoga-se com as informações.

O período de estágio torna-se uma experiência única, mesmo podendo se ter alguns momentos de baderna, e que faz com que o professor se sinta bem em dar aula. Em certo momento o medo também atinge, assim como a insegurança, e o desafio então parece maior, sabe-se que a educação é algo sério, que os alunos merecem o melhor do seu professor, incentivo, conselhos, os transformando em cidadãos críticos, nesse momento o docente pergunta-se internamente estou fazendo direito meu papel. Circunstâncias em que se verifica o despreparo, quando se era na escrita do quadro, ou não se responde a alguma indagação feita pelos alunos, que faz o professor pesquisar e trazer a resposta na próxima aula.

Quando o estagiário passa a conviver com a educação, alternativamente encontra situações que poderão influenciar no andamento das aulas, durante o seu período de prática. Atividades na instituição de ensino seja teatros, viagens de estudo, feriados, filmes de outras matérias em que é solicitado um tempo para terminar o mesmo. De forma a o estagiário adaptar-se e programar-se para suas aulas, com conjunturas que levam a repensa-las, situações do ensino.

Como toda profissão, a vida de professor também passa por momentos de insegurança. Portanto, precisa-se de preparação, estímulo e persistência, ou não se progride.

O aluno- estagiário não entra somente na sala de aula. Entra, também, em seu futuro campo de atuação e é lá que terá seu primeiro contato com os alunos, com a realidade da sala de aula, com o sistema educacional e, ainda, com seus futuros colegas de profissão, em quem, algumas vezes, tomará como referências, boas ou não, para sua prática pedagógica (JANUARIO, 2008, p. 4).

As situações que rodeiam a sala de aula são alguns dos motivos que levam à desistência, porque os problemas sociais fazem o profissional verificar uma realidade que não sabia existir. Alunos sem estímulo, com problemas de saúde, que não querem participar das aulas e adoram atrapalhar o que está acontecendo em sala, efetuam-se como verdadeiros momentos de crise profissional que também são descritas a seguir.

Possuem condições de trabalho (horários, instalações etc) que dificultam um exercício reflexivo da profissão e o desenvolvimento de momentos coletivos de ação e pensamento; vivem momentos de grande instabilidade profissional, pelo menos nos primeiros anos de carreira, estando sujeitos a grandes tensões, ao lidarem com realidades locais e situações escolares, marcadas por fenômenos de exclusão, de agressividade e de conflito social (PAIM, 2005, p. 134 e 135).

Por vários momentos o profissional se pergunta “aqui é o meu lugar?”, “deveria estar aqui?”, “sirvo para seguir essa profissão?” Mas em muitos casos, esses questionamentos são julgados Leva- como uma lição, porque ver o interesse dos alunos e suas participações efetivas nas aulas podem servir de incentivo. Precisa-se passar pelas etapas do estágio para se concretizar como profissional, uma etapa vital como aponta Mello e Lindner (2012);

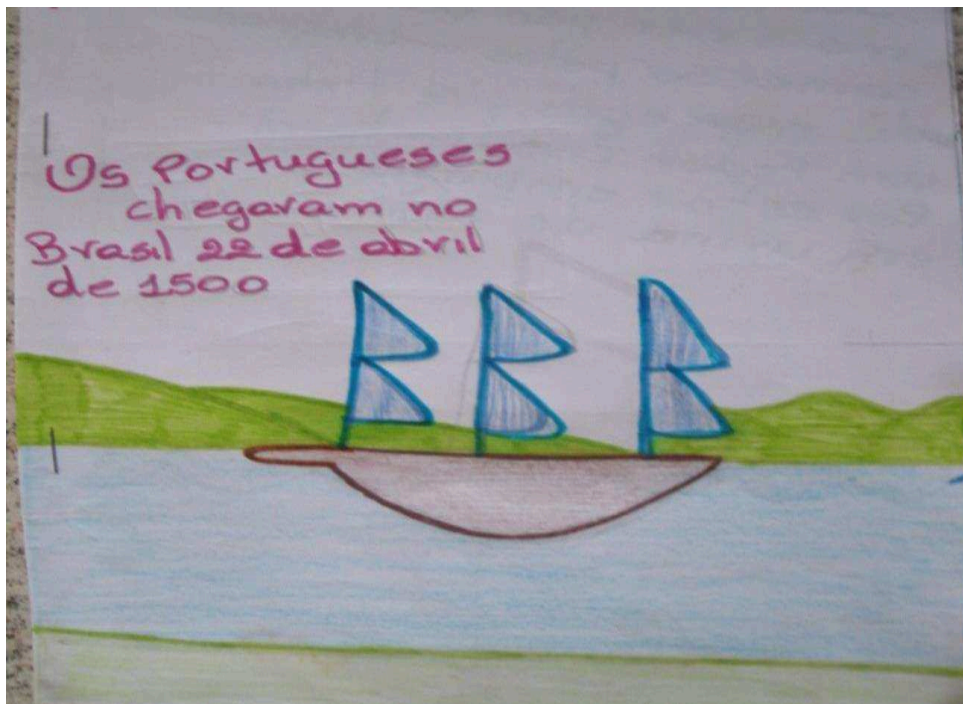
Essa etapa do processo de formação é vital, tendo em vista que o retorno necessário daquilo que foi observado e posto em prática, pode fazer a diferença, num sentido de que universidade e escola repensem e avancem em seus percursos formativos (MELLO; LINDNER, 2012, p.4).

Num primeiro momento nota-se a instabilidade, progredindo-se com a prática, a experiência de conviver com alunos e escola, por outras palavras de vivenciar o ensino, é um modo de aprender o que se visualiza como aluno universitário, estagiar salienta-se é um dos momentos de progresso como estudante, efetivamente se posicionando diante da sua profissão, em particular contempla sua afirmação como professor (a), veja-se como decente.

A partir do que foi explanado até o momento reflete-se que são vários os desafios do professor estagiário em sala de aula, que o professor iniciando a carreira, merece apoio e dedicação por parte dos docentes da escola, e da universidade a que está vinculado. Situações poderiam ser melhores avaliadas se os estagiários pudessem discutir o tipo de ensino que tem de ser aplicado, seus modos, o que analisar, remanejar, e como decidir o que seria melhor para as suas aulas, graduação e formação.

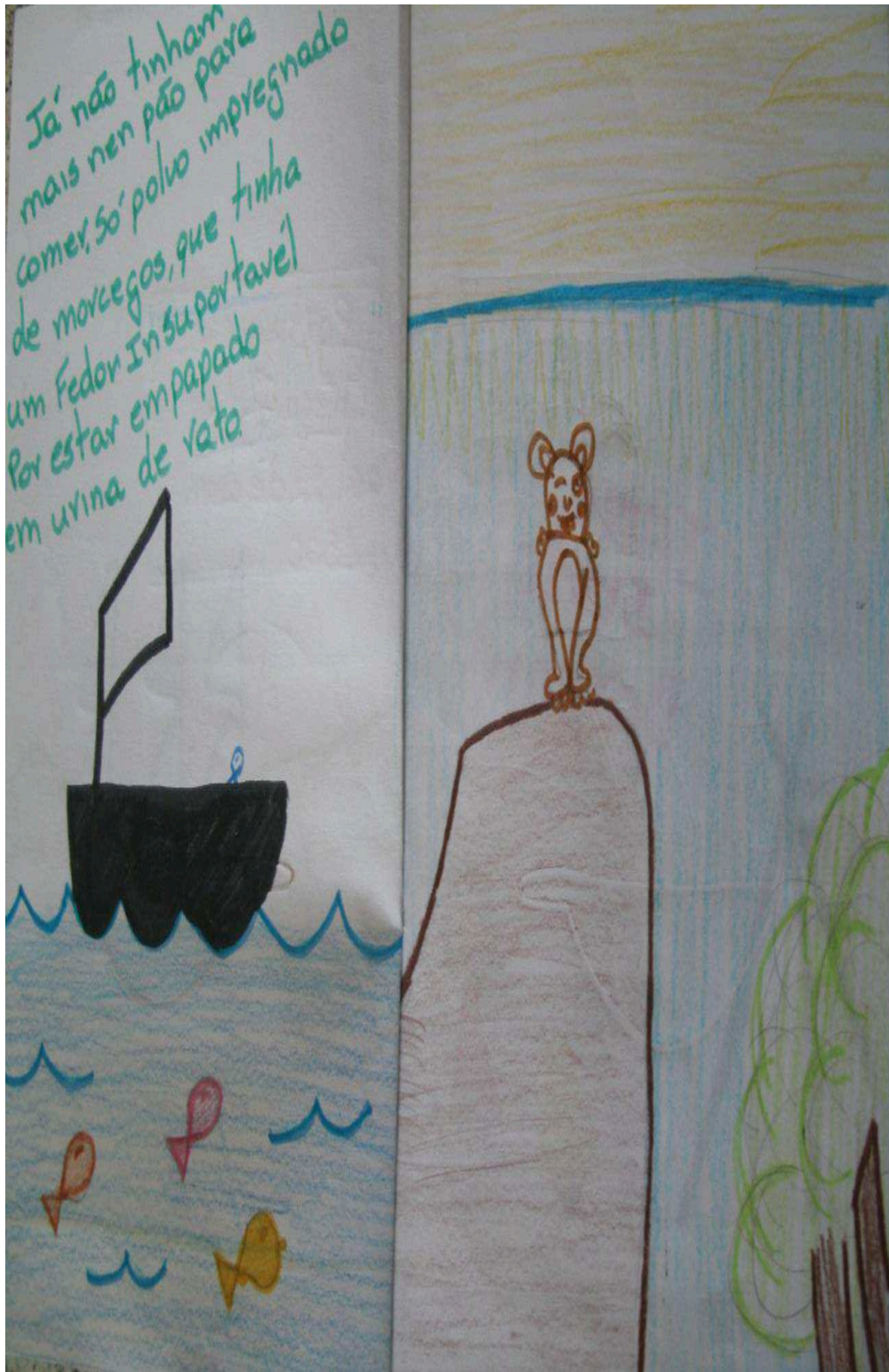
Nesse capítulo se explanou o desenvolvimento das aulas, aspirações, inspirações e defrontações pertinentes a essa etapa do curso de graduação em História. A partir do que se contempla, nota-se que o que fica registrado são alguns momentos específicos. O que resta são as lembranças das aulas e as atividades desenvolvidas pelos alunos durante o período de estágio. Utilizam-se então aqui alguns exemplos de atividades que podem ser efetuadas em sala, abordando alguns dos aspectos que foram debatidos durante esse capítulo, considerando alguns temas que são vistos durante o Ensino Fundamental.

Figura 1- Livro sobre colonização.



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 2- Livro sobre colonização.



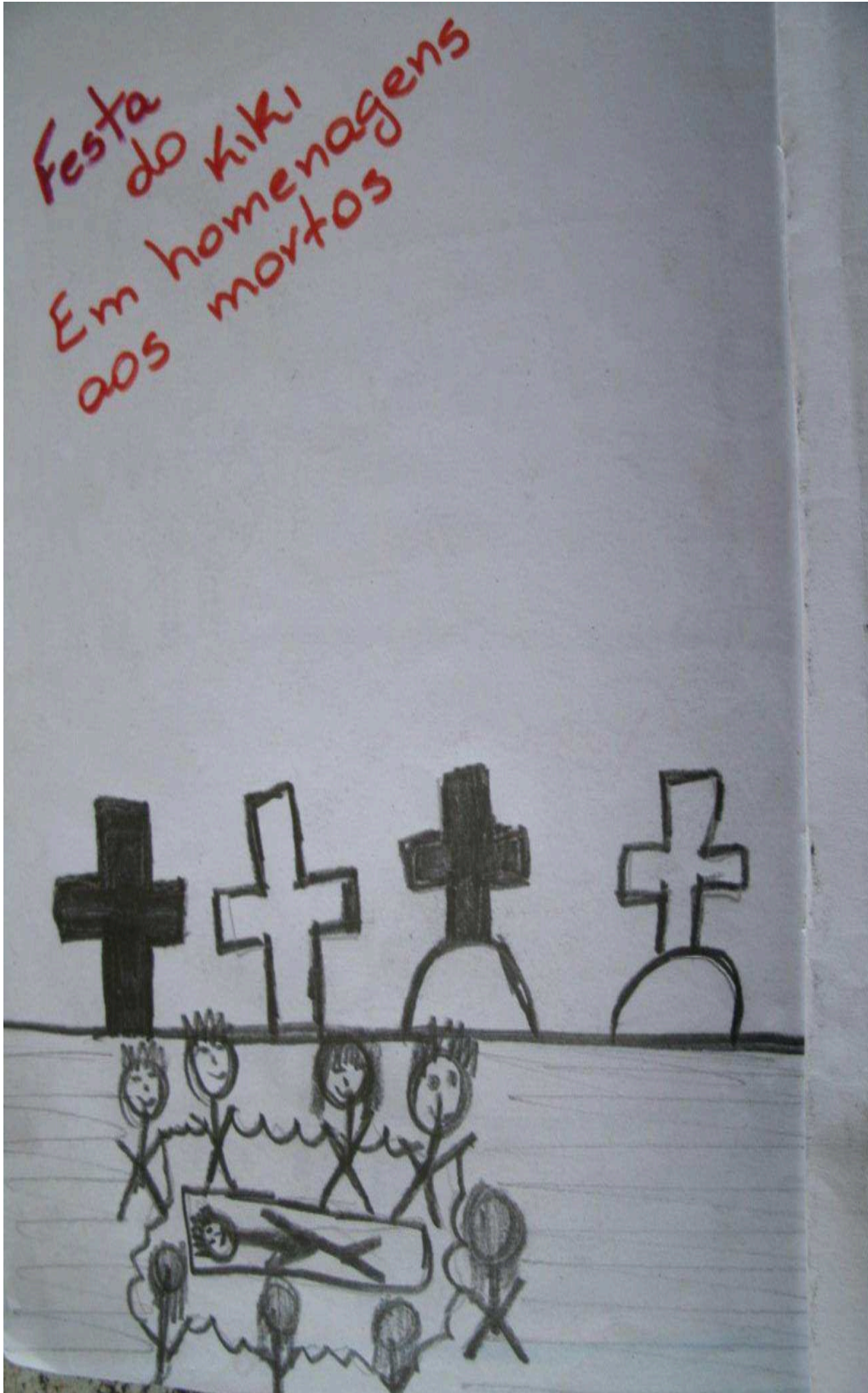
Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 3- Livro sobre colonização.



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 4- Livro sobre colonização.



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 5- Carta sobre estrangeiro visitando terras brasileiras.

Olá, chegamos ao Brasil e ao que vemos ao chegar aqui é um país rico em todas as suas características.

Seu idioma é único, e se chama português (brasileiro). Seus costumes são bem diferentes dos que temos em nosso país. Aqui suas festas são bem divertidas, coloridas e sempre eles tem muitas comidas em suas festas. A culinária é muito gostosa e saborosa, algumas são parecidas com as que temos, mas com um preparo e temperos diferentes. A arquitetura é linda, cada lugar tem suas próprias belezas.

Uma das coisas que não se destacam é como os indígenas são tratados, muitos estão sem moradia, sem teras tudo por conta de pessoas que não tem consciência ou que acham que eles também não são pessoas e que merecem uma vida digna.

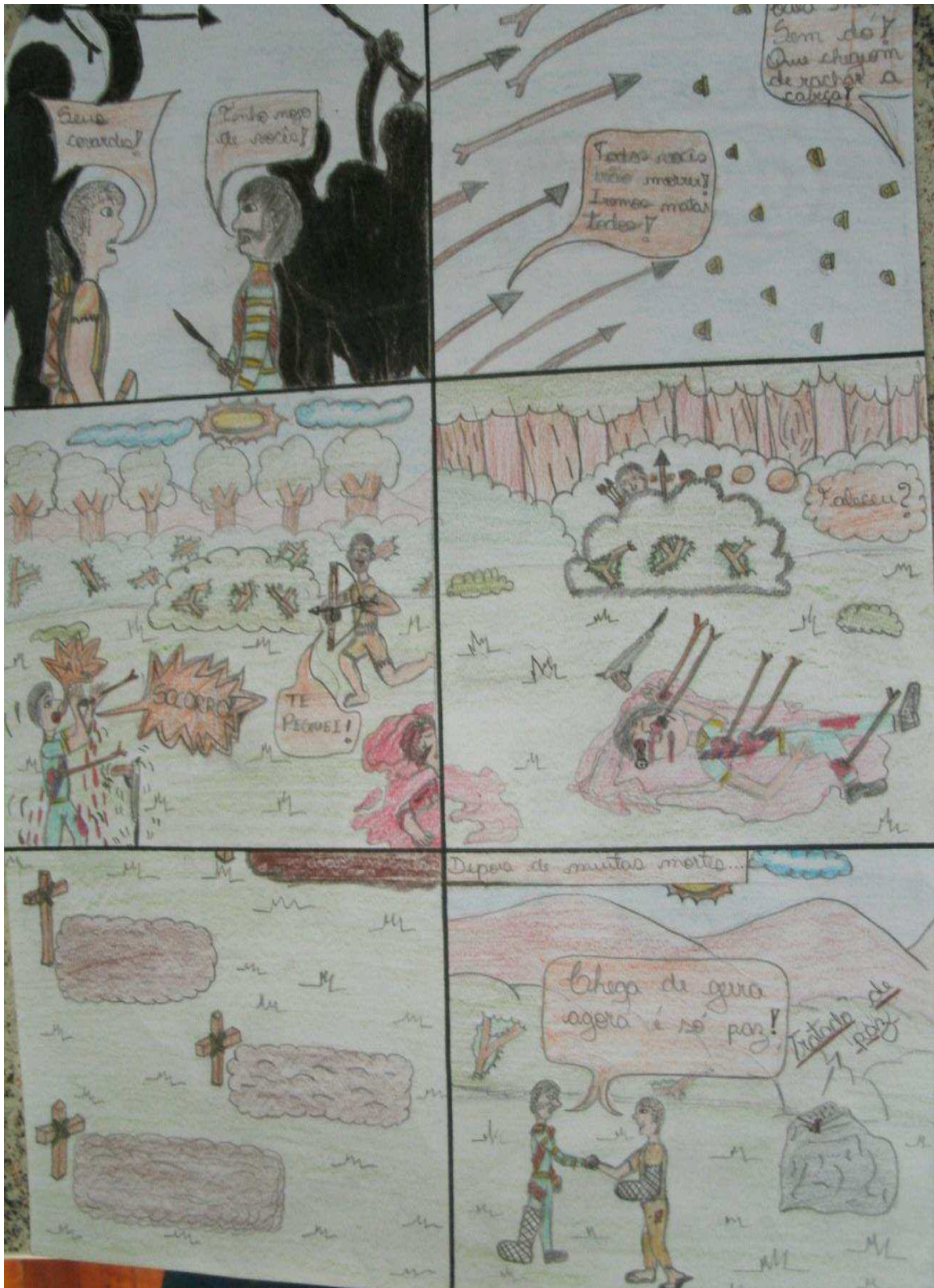
Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 6- Charge do Império.



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Figura 7- História em quadrinhos sobre a “Revolução” Farroupilha.



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção que se teve ao longo do trabalho foi de refletir sobre o estágio docência no ensino Fundamental. Primeiramente de um modo “universal”, considerando algumas situações pelas quais o universitário passa na sua atividade de estágio, sem se distinguir uma universidade específica em que se baseie, para definir os padrões em torno do estágio. Rememorando questões de estresse, de alívio, medos, frustrações, arrependimentos, assim como admiração e convívio na comunidade escolar e na estrutura de ensino que se vivencia na atualidade.

Incluindo os vários tipos de professor, o que apoia, mas também aquele que desmotiva seu futuro colega de profissão. Além disso, propõe-se apurar sobre esta atividade intensa de gratificante aprendizado que é o estágio, considerando para isso o desenvolvimento e aplicabilidade do mesmo como uma primeira experiência para quem ainda não presenciou o convívio com a sala de aula em outras circunstâncias como o Pibid.

Defronta-se como se forma a identidade do profissional docente. O que se aprendeu durante a carreira universitária vai aprimorando-se durante a trajetória do estágio no trabalho com as turmas, refletindo em variados aspectos para evoluir profissionalmente. Motivando a criação e desenvolvimento da metodologia, e didática aplicada ao ensino.

Situações são apuradas como o conseguir ou não interagir, com as turmas que estagiará graças ao nervosismo diante das condições que o ensino básico possui, demonstrando as verdadeiras maneiras de se trabalhar nas escolas municipais e estaduais. Para além do que se apresenta na sala de aula, na escola como um todo. A teoria se encontra com a prática, verifica-se que é preciso o conhecimento das teorias para ser aplicadas posteriormente.

Por conseguinte os profissionais podem encontrar várias condições impostas pelos professores da escola, alunos gestores e comunidade escolar. Por um lado cada um os trata de maneira diferente, porque o processo educativo é um agir a partir da educação em variadas instâncias de ensino e vivenciando com todas as idades e situações no aprender. Verificou-se que as universidades têm sua maneira de trabalhar com o estágio. É evidente que o tempo, as atividades, escolha e modo de se conviver com o orientador são distintos, e estão dispostos na documentação sobre tal componente.

Outras questões foram analisadas durante o trabalho, como é tratado o estágio de História na Universidade Federal da Fronteira Sul. Notou-se, através do PPC do curso, que tal documento não é algo que os universitários trazem para si como de primordial conhecimento,

por vezes não é trabalhado incisivamente com os académicos. Partindo das reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho podemos inferir sobre pontos retratados dentro do documento.

Verificou-se a necessidade de o estudante conhecer mais a fundo esse documento (PPC), de se ter pesquisa dentro deste componente curricular, e como isso poderia ser visto com reuniões e encontro de estagiários, professores da universidade e das escolas, apontamentos que refletiriam na formação dos intelectuais docentes.

Com o intuito de argumentar sobre o componente curricular de estágio docência, encontros para refletir sobre o mesmo em virtude de seu melhor desenvolvimento, e prática de pesquisa. Uma vez que reunindo professor e estagiários se apurariam quesitos diversos para seu aperfeiçoamento, desde que os mesmos quisessem realizar tal atividade de reflexão e pesquisa.

Em síntese com a união dos profissionais, valorizar-se o curso como licenciatura, portanto, incentivar que atividades como o estágio no Ensino Fundamental, tenha uma duração maior, para reflexão em torno da mesma como é descrito por Santos (2010) de como a prática está vinculada a reflexão e ação do docente. Não necessariamente em sala de aula, mas para organização e desenvolvimento de atividades, planos de aula, projetos de intervenção, pesquisa.

Argumenta-se se os graduandos têm ou não a capacidade de decidir no componente curricular, e o que é importante para os académicos, na universidade, poderiam desenvolver a partir da análise e reflexão do PPC, com a participação permanente do universitário na sua elaboração. Poder aprender mais na linha educacional, seria uma base importante num curso que é licenciatura. Decidir o que se quer remanejar e construir para a formação.

A experiência em sala de aula é discutida tendo-se noção de que as atividades se desenvolvem no Ensino Fundamental, trabalhando com alunos menores, e que precisam estar engajados ao conteúdo e as aulas como um todo. Para isso é preciso planejar as aulas, desenvolvê-las, e modificar o que se constata que não dá certo o longo do tempo. No ato da pesquisa se concretiza o sentido da sua prática, a análise do que se efetua no ensino, e o desenvolvimento de panoramas sobre a situação do estágio, valorizar esta atividade e aplicar o ato da pesquisa como meio de identificar-se e investigar a sua profissão, a reflexão é apontada por Zanon (2012) salienta-se o domínio, e a prática social, na realidade educacional e ensino aprendizagem.

Os desafios da experiência são os mais variados e constroem a coragem ou a desistência na docência, a licenciatura como um todo vem de encontro às barreiras que a própria educação inculca para aqueles que se atrelam a ela. O professor é o eixo do centro desse processo na educação, cultivando e enaltecendo as marcas que o ensino e a experiência do estágio proporcionam.

Tende-se saber mais facilmente quais as opções de se desenvolver para o que fazer nas aulas. Quem tira do comodismo o docente é o discente, um ponto que é desencadeado desde a instituição de ensino superior. A realidade dos espaços de ensino é diferenciada, e o estágio demonstra isso. Teoria e prática são visualizadas a partir das competências que o professor cria. Aprendizagens e questionamentos ao longo do desenvolvimento do estágio, sendo na escola, uma realidade vivida, múltipla, e com múltiplos sentidos em vários quesitos, com uma aprendizagem significativa.

Durante a atividade de estágio é possível perceber como é o atuar como professor, mas, também ficam dúvidas, e momentos de insegurança. A partir disso apontam-se alguns aspectos referentes ao PPC de História, mais especificamente a parte que argumenta sobre direitos e deveres, e como funciona a atividade de estágio na instituição, entraves, concepções, desenvolvimento e capacitação do estudante, para que o mesmo se desenvolva na formação inicial.

Como atividade obrigatória dos cursos de licenciatura, o estágio merece atenção e reconhecimento. Assim como vivência e experiência nesse percurso, identificando-se com Silva (2013). É um momento de aprendizado que reúne várias pessoas ao longo do seu desenvolvimento, de acadêmicos, orientadores, professores das escolas e alunos, interagindo e construindo as bases da identificação com a profissão. Precisando conviver com o ensino e aperfeiçoar-se diante da profissão.

Parece-me que o resultado é a constatação da necessidade de atenção para atividade de estágio. Do mesmo modo o reconhecimento do estudante estagiário pela escola, e universidade, igualmente os documentos que regem essa atividade merecem ser analisados e discutidos com professores e acadêmicos. É por isso que o estudante universitário precisa de apoio das instituições de ensino (universidade e escola) de modo a preparar suas aulas e conviver com a prática do ensino.

Finalmente o que se explanou foi o desenvolvimento do estágio docência, o componente em que se aperfeiçoam os licenciados, enquanto promotora da prática merece atenção da instituição de Ensino Superior, nas escolas, e por todos os envolvidos, de modo que se tenha

um aprendizado e ensino de qualidade. Com o intuito de melhorar a condição do componente curricular de estágio docência na Universidade Federal da Fronteira Sul, permeado por reuniões e envolvimento dos universitários em relação ao PPC do curso de História. Por outras palavras a experiência nomeadamente se concretiza para o profissional, aprendendo e desenvolvendo-se diante do ensino.

REFERÊNCIAS

¹**Chapecó em dados.** Disponível em: <http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/chapeco-dados.html>, acesso em: 28 ago. de 2015.

ANDRADE, Joedson da Silva, SOUZA, Regina Lúcia Meneses de. Ensino de história: reflexões sobre o estágio supervisionado e sua prática. **Historien (Petrolina)**. ano 4, n. 9. Jul/Dez, 2013.

BARON, Wilian; CERRI, Luis Fernando. **O ensino da História a partir da teoria de Jörn Rüsen.** Anais do Seminário de Pesquisa do PPE, Maringá, 2011.

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História no Brasil. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 5º ed., 2ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2009.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Tempo, Dossiê. v11 n21a03.indd, 2007.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional.** nº 15, v. 2, 2010.

CNE, Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2/2002.** Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002.

Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/ CP 1,** de 18 de fevereiro de 2002.

COSTA, Júlio César Virgínio. **Os estágios na formação do professor de história: significados e reflexões.** Universidade federal de Minas Gerais, Programa de Pós- graduação em educação e inclusão social. Belo Horizonte.- MG, 2007.

FARIA, Cintia de Castro. **Refletindo sobre o início da docência: narrativas de uma aprendiz de professora.** Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FEIJÓ, Luiz Carlos Coelho; MACHADO, Susan Lauren Zille. **Ensino de história em outras perspectivas: as produções cinematográficas como ferramenta didática em sala de aula.** In: JAQUES, Ana Cristina Garima. [et al]. Ensino de história e formação de professores discussões temáticas.- Rio Grande: Editora da FURG, 2014.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de Oliveira. **A formação prática de professores no estágio curricular.** Educar; Curitiba, n. 32, p. 215-232, Editora UFPR, 2008.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. **História local, ensino de história e estágio curricular: uma experiências na UEFS**. Diversa Prática-Volume Especial de lançamento- 2º. Semestre, 2012.

Figuras de acervo pessoal, das turmas do sétimo e oitavo ano, e de atividades desenvolvidas durante as aulas. In: DALMOLIN, Jéssica. **Relatório de estágio supervisionado em História II**. Universidade Federal da Fronteira Sul; Chapecó, 2015.

FILHO, Luciano Mendes de Faria; GONÇALVES, Irlen Antônio Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULITO, André Luiz. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan/abr, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. – Campinas, SP: Papirus, 2003.

JANUARIO, Gilberto. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor**. In: SEMINÁRIO E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA. Campinas. Anais: II SHIAM: GdS/FE-Unicamp, 2008.

LÓ, Marcelo Antonio. **Relatório de pesquisa didático- histórica: Ensino Fundamental**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, 2014.

MACIEL, Emanoela Moreira. **O estágio supervisionado como espaço de construção do saber ensinar**. Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2012.

MELLO, Simone Portella Teixeira; LINDNER, Luciana Martins Teixeira. **A contribuição dos estágios na formação docente: observações de alunos e professores**. IX ANPED Sul, seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

MARTINS, Everton Bandeira; SOSA, Derocina Alves Campos. **Estágio supervisionado em ensino de história: Uma análise a partir das experiências em sala de aula conjugando teorias e prática**. IX Congresso nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia- PUCPR, 2009.

MARTINS, Everton Bandeira; SOSA, Derocina Alves Campos. **Relato de prática docente da disciplina de história no 2º ano do ensino médio: Uma experiência no Colégio Estadual lemos JR**. Revista didática Sistêmica, volume 10, 2009.

MELLO, Simone Portella Teixeira de; LINDNER, Luciana Martins Teixeira. **A contribuição dos estágios na formação docente: Observação de alunos e professores**. IX ANPED Sul, Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

MORETTI, Francielie. **O estágio supervisionado em história: Limites e possibilidades na atuação docente do acadêmico de história**. IV Congresso Internacional de Educação. VII Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia da Uniamérica, 2013.

PACIEVITCH, Caroline; CERRI, Luis Fernando. **Professores de história: consciência histórica e construção de identidades.** Anais do Educere, Curitiba, 2006.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor.** Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2005.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6. Ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência.** – 7º ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, Francisca Cristina de Oliveira e. **O papel do professor orientador na efetiva -ação do estágio: múltiplas visões.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas , 2012.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História – Licenciatura.** Universidade Federal da Fronteira Sul, 2010.

RIGO, Carla Aparecida. **Relatório de pesquisa didático- histórica: Ensino Fundamental.** Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, 2014.

RIZZON, Gizele. **A sala de aula sob o olhar do construtivismo piagetiano: perspectivas e implicações.** Anais do V CINFE, Caxias do Sul, 2010.

RODRIGUES, Luiz; PINHO, Raquel Tegen.; ALMEIDA, Vanuza Aparecida. **PIBID: Ensino, Estágio e Formação de Professores** In: Jornada de Pedagogia. Departamento de Pedagogia – Campus Universitário de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2013.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSSATO, Luciana. Formação docente inicial no curso de História da universidade do estado de Santa Catarina: experiências e reflexões sobre o ensino de História; In: SILVA, Cristiani Baretta da... [et al] . **Experiências de ensino de história no estágio supervisionado.**- Florianópolis: Editora UDESC, 2011.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Atualidade da História do tempo presente. **Revista Historiar**, ano I, n. I, 2009.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. **Saberes da prática na docência do Ensino Superior: análise de sua produção nos cursos de licenciatura da UEMA.** Universidade Federal do Piauí.- Teresina, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan/abr, 2009.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Estágio e pesquisa**. Ou sobre como olhar a prática e transforma-la em mote de pesquisa. FAP. Faculdade de Artes do Paraná, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. – 2.ed.- São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Shirlane Maria Batista da. **O estágio supervisionado na formação do pedagogo: saberes e fazeres construídos no espaço da sala de aula / Shirlane Maria Batista da Silva**. Teresina: UFPI, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

ZANON, Dulcimeire Ap. Volante. **Produção de Narrativas Reflexivas por Licenciados em Química como Modo de Construção da Aprendizagem Docente Educação: Teoria e Prática – Vol. 22, n. 40, São Carlos- SP, Período mai/ago, 2012.**